PROPAGANDA DE INSTRUCÇÃO
PARA
Portuguezes e Brazileiros

BIBLIOTHECA DO POVO
E DAS ESCOLAS

CADA VOLUME 50 RÉIS

MYTHOLOGIA

especialmente accommodada ao ensino dos estudantes de latinidade, de poetica, de litteratura, de bellas-artes, etc.

1.ª EDIÇÃO, 12:000 EXEMPLARES

1.ª serie

Todos os volumes constam de 64 paginas, de composição cheia, edição esteriotypada, contendo um tratado elementar completo de sciencia pratica, de conhecimentos uteis e indispensaveis, expostos n'uma fórma succinta e concisa, mas clara, popular, ao alcance de todas as intelligencias.

1.º anno

LISBOA
DAVID CORAZZI, EDITOR
EMPREZA HORAS ROMANTICAS
Premiada com a medalha de ouro na exposição do Rio de Janeiro
40 — RUA DA ATALAYA — 52
1881

NUMERO
3

Publica-se nos dias 10 e 25 de cada mez

SUMMARIO E INDICE

Pag.

Considerações preliminares.— O que é mythologia. Origem da mythologia. O paganismo greco-romano. O *conselho celeste*..... 3

O Chaos e a Noite..... 5

O Destino..... 6

Urano e Titéa ou o Ceu e a Terra..... 6

Saturno e Cybele.—Nascimento de Jupiter, Neptuno e Plutão. Saturno atacado por Titan. Saturno desthronado por Jupiter. Saturno e Cybele refugiados no Lacio. As Saturnaes. Curetes e Corybantes..... 7

Jupiter e Juno.— Guerra dos gigantes contra os deuses. O diluvio. Deucalion e Pyrrha. Os ciumes de Juno e as infidelidades de Jupiter. Prometheu. Pandora. Io transformada em vacca. Argos metamorphoseado em pavão. Estratagemas de Jupiter para debellar o genio de Juno... 9

Neptuno e as divindades maritimas.— Origem do cavallo. Jogos Isthmicos o Consuaes. Amphitrite, a deusa dos mares. Oceano e Tethys Oceanides e Nereides. Naiades. Nereu. Eolo e os ventos. Tritão. As Harpias. As Sereias. Proteu. Glauco. Scylla e Charybdes..... 15

Plutão e as divindades infernaes.— Rapto de Proserpina. O Inferno. Minos, Eaco, e Rhadamanto. Caronte. Cerbero. Nemesis. As Furias. As Parcas. Os Manes. Os Lares. Os Penates. O Somno. Morpheu. Os Sonhos. A Morte. A Noite. Ixion. Sisypho. Tantalo. As Danaides..... 21

Vulcano, Venus e Cupido.— Habilidade artistica de Vulcano. Os Cyclopes. Casamento de Vulcano. O pomo da Discordia e o juizo de Páris. Galanteios de Venus. *O retrato de Venus*, pelo visconde de Almeida-Garrett. Adonis. Cupido, o deus do amor. Psyche e Volupia..... 32

Marte, Minerva e as divindades guerreiras.— Origem de Marte. Bellona. A Victoria. A Fama. Os Salios. Nascimento de Minerva. Pallas. Aposta entre Neptuno e Minerva. Desafio entre Minerva e Arachne.... 36

Apollo e Diana.— Latona. A serpente Python. Phebo. As Horas e a Aurora. Clymene. Phaetonte. Coronis. Esculapio. Apollo apascentando rebanhos. Troia edificada por Apollo e Neptuno. Perfidias de Laomedonte. Daphne. Clycia e Leucothoe. Hyacintho e Cyparisso. Desafio entre Apollo e Marsyas. O rei Midas com orelhas de burro. As nove Musas. O Pegaso. Diana. Acteon e Endymião. O templo de Epheso incendiado por Erostrato. Ruinas do Templo de Diana em Evora..... 38

Mercurio.— Seus variados attributos e funcções. Batto. Hermaphrodito e Salmacis. Invenção da lyra. Origem do caduceu..... 47

Vesta.— Templo que Numa Pompilio mandou erigir á deusa do fogo. O Palladio. As Vestaes..... 49

Ceres e Bacchо.— Peregrinação de Ceres em busca da filha. Attributos de Ceres. Festas Eleusinas e Thesmophorias. Semele. Nascimento de Bacchо. Sileno. O rei Midas convertendo tudo em ouro. As tres Graças. Hymeneu. Ariadne. Bacchantes e Bacchanaes..... 50

Pan e as divindades campestres.— Amores de Pan e esquivanças de Syrinx. Invenção da flauta pastoril. Echo e Narciso. *Cartas de Echo e Narciso*, pelo visconde de Castilho. Pitthys e Boreas. As Lupercaes. Pales e as Palilias. Fauno, Fauna e Silvano. Faunos, Silvanos e Satyros. Nymphas. Napéas, Orcades, Dryades e Hamadryades. Flora e Zephyro. Jogos Floraes. Vertumno e Pomona. Priapo. O deus Termo..... 54

Mensageiros celestes e servidores do Olympo.— Iris transformada em arco-da-velha. Aurora e Tithon. Hebe e Ganymedes..... 59

Divindades allegoricas.— Themis. Pluto. A Fortuna. Momo. Como. A Verdade. A Inveja. A Discordia e o pomo aureo..... 60

Os Centauros e as Gorgonas.— O centauro Chiron. Medusa..... 61

Semi-deuses e heroes.— Jason. Theseu. Perseu. Hercules..... 62

MYTHOLOGIA

Considerações preliminares

Pretendia Goethe que para as artes do desenho (nas quaes até certo ponto não se póde deixar de comprehender a Poesia) era a Mythologia conveniente e necessaria; e o querêl-a desterrar d'ellas, barbarismo: — opinião em que talvez ha mais fundo do que á primeira vista parece. Para a corroborar, bastaria a simples lição das obras do que bem se póde chamar corypheu do contrario partido — *O Genio do Christianismo* e *Os Martyres* de Chateaubriand, — nas quaes, mau grado á industria com que o auctor procurou constantemente attenuar as formosuras mythologicas, o bom effeito que ellas produzem, até retratadas por sua penna, a ninguem deixa de ser sensivel.

. . . . . .

. . . . . .

Accresce que na Mythologia classica, vista (como só a podemos hoje ver) atravez dos genios antigos, de estatuarios e poetas, ha uma tal formosura, nobreza e dignidade, fórmas (como na arte dizem) tão puras e desenho tão correcto, que as obras de Homero, Virgilio e Ovidio, não ficam sendo menos para estudo e imitação que os marmores millenarios do Laocoonte, da Venus e do Apollo.

A. F. DE CASTILHO

(*Prologo á traducção das «Metamorphoses» de Ovidio.*)

Chama-se mythologia — de duas palavras gregas: *mythos* (allegoria ou fabula) e *logos* (discurso) — a sciencia que estuda em todos os seus pormenores e pontos de vista as crenças e as praticas religiosas dos povos pagãos e gentilicos.

Susceptivel de encarar-se e tratar-se mórmente por dois lados — o poetico-descriptivo (não lhe chamaremos historico) e o symbolico-philosophico, — percebe-se bem que n'um livrinho elementar como este, destinado essencialmente ao povo e ás escolas, não tenha cabimento por ora senão a primeira parte.

N'essa mesmo o assumpto é tão vasto que, forçados a circumscrever-nos em limitado espaço, indispensavel se nos torna tambem limitar ao campo do paganismo greco-romano as presentes noções de mythologia, tanto mais quanto é exactamente n'esse campo que os conhecimentos mythologicos se nos afiguram mais essenciaes ao litterato e ao artista, ao estudioso emfim ou ao simples amador e curioso que pretenda com-

prehender e avaliar as obras dos antigos poetas ou as producções artisticas (e d'estas não só as antigas mas as modernas tambem), visto que nos poemas, nas esculpturas e nas pinturas, figuram a miudo as divindades multiplas da Fabula,— manancial inexgottavel de inspiração.

Para quem queira devassar e profundar os segredos da civilização pagan, em que o elemento religioso tanto predominio exerceu sempre, o estudo da mythologia representa o mesmo interesse que para o christianismo se incontra na mythologia.

A mythologia é, nem mais, nem menos, do que a theogenia fabulosa e poetica do paganismo.

A sua origem filia-se nas alterações successivas que em factos reaes da historia ou em symbolos allegoricos de moral e philosophia imprimiu mais ou menos um conjuncto de elementos diversissimos, taes como — o correr dos seculos com toda a sua influencia adulterante e obliterante, a ignorancia dos povos, a sua tendencia para o maravilhoso, a sua especial disposição para as abusões supersticiosas, e sobre tudo isto o fanatismo que as classes sacerdotaes sempre em todos os tempos e em todos os logares intenderam dever por conveniencia propria não só auctorizar, mas inclusivamente promover e diffundir no espirito das massas ignaras.

Na região central e na oriental da Asia os povos tomando por alvo de suas adorações o sol, a lua, o fogo, denunciam até certo ponto uma prova de respeito para com o Deus Creador Omnipotente, visto que para o venerarem escolhem adrêde as suas representações materiaes mais esplendidas e mais deslumbrantes.

Dado, porêm, o primeiro passo na senda do erro, pouco admira que o espirito do homem, obedecendo á serie de influencias supra-mencionada, se desviasse cada vez mais da verdade e se despenhasse no abysmo das ficções.

Nem deve, pois, causar espanto que em tempo de Nino (filho do Belo e rei dos Assyrios) as coisas estivessem já de tal feitio, que o monarcha mandasse erigir em Babylonia uma estatua de seu pae para que os povos a adorassem, como se fôra a imagem de uma divindade.

O paganismo greco-romano, de que exclusivamente nos occupâmos por ora n'este livrinho, parece ter tido o seu berço (segundo os mais auctorizados mythologos) na Assyria, no Egypto e na Phenicia.

D'estes tres pontos emigraram varios elementos dispersos, os quaes na Grecia se fundiram e da Grecia passaram á Ita-

lia, constituindo um complexo mas interessante systema de mythologia, que n'este voluminho vamos expor.

Costumam alguns auctores classificar as entidades mythologicas em varios grupos, distinguindo:

1.º as divindades celestes propriamente ditas (entre as quaes a graduação suprema pertence a Jupiter);

2.º as divindades maritimas (entre as quaes o primeiro logar compete a Neptuno, divindade que por sua categoria superior cabe, até certo ponto, no primeiro grupo, por quanto faz inclusivamente parte do *conselho celeste);*

3.º as divindades infernaes (entre estas pertence o primeiro logar a Plutão, como divindade que é de categoria superior);

4.º as divindades subalternas ou de categoria inferior;

5.º as divindades allegoricas;

6.º os semi-deuses e os heroes.

De todas estas entidades aqui trataremos promiscuamente pela ordem que nos pareceu coadunar-se melhor com a indole d'este livrinho.

Dos deuses e deusas, comprehendidos entre as divindades de categoria superior, só doze é que constituiam o chamado *conselho celeste,* a saber: — Jupiter, Juno, Neptuno, Ceres, Vesta, Marte, Minerva, Mercurio, Apollo, Diana, Venus e Vulcano.

O Chaos e a Noite

As idéas cosmogonicas dos antigos levavam-n'os a admittir que na origem o universo fôra apenas uma informe e desordenada massa, involta nas trevas da Noite e incerrando em si confusa e promiscuamente os germens de todas as coisas. Esse principio absoluto e pre-existente foi, pelo paganismo, symbolizado sob a denominação de Chaos,— divindade puramente allegorica.

Eis como Ovidio o descreve no livro I das *Metamorphoses:*

«Antes do mar, da terra, e ceu que os cobre,
Não tinha mais que um rosto a Natureza:
Este era o Chaos, massa indigesta, rude,
E consistente só n'um pezo inerte.
Das coisas não bem juntas as discordes,
Priscas sementes em montão jaziam;
O sol não dava claridade ao mundo,
Nem crescendo outra vez se reparavam
As pontas de marfim da nova lua.

Não pendias, ó terra, d'entre os ares,
Na gravidade tua equilibrada,
Nem pelas grandes margens Amphitrite
Os espumosos braços dilatava.
Ar e pelago, e terra, estavam mixtos;
As aguas eram pois innavegaveis,
Os ares negros, movediça a terra.
Fórma nenhuma em nenhum corpo havia,
E n'elles uma coisa a outra obstava,
Que em cada qual dos embryões enormes
Pugnavam frio e quente, humido e sêcco,
Molle e duro, o que é leve e o que é pezado.»

(Traducção de Bocage.)

O Destino

Do Chaos e da Noite se phantasiou que nascêra o Destino, entidade meramente allegorica,— divindade imaginaria que diziam exercer cegamente sobre o universo a mais absoluta influencia por effeito de uma lei invariavel, eterna e necessaria, a que todos os outros deuses (sem mesmo exceptuar o supremo Jupiter) todos os homens, todos os irracionaes, sêres animados e inanimados, tudo emfim se achava fatalmente sujeito. Representa-se o Destino sob a figura de um velho robusto e severo com uma venda nos olhos e o globo terrestre aos pés; n'uma das mãos vê-se-lhe segura a urna em que estão incerradas as diversas sinas; na outra um livro em que essas sinas se transcrevem, livro que os outros deuses podem consultar, mas em que lhes não é licito alterar uma virgula siquer.

Urano e Titéa ou o Ceu e a Terra

Urano é no paganismo greco-romano o mais antigo de todos os deuses. *Uranos* lhe chamavam os gregos e *Cœlum* os latinos. Qualquer d'estas duas denominações quer dizer: *Ceu*. Urano, pois, ou o Ceu (conforme lhe queiram chamar) teve por esposa Titéa ou a Terra *(Tellus* em latim). D'este consorcio nasceram varios filhos, entre os quaes merecem especialmente mencionar-se: Titan (o primogenito), Saturno, Cybele, o Oceano e os Cyclopes. Urano, arreceando-se dos filhos pelo genio ambicioso e turbulento que lhes notava, tratou de se pôr a coberto incerrando-os n'uma profunda caverna quan-

do elles eram ainda de menor edade. Mas Titéa teve meios de frustrar a vigilancia do marido e conseguiu dar evasão a seu filho Saturno. Este depois ajudou os irmãos a recuperarem a liberdade, e unindo-se todos em revolta contra seu pae acabaram por despojál-o do throno.

Saturno e Cybele

Desthronado o velho Urano, tocava a Titan, por ser o primogenito, succeder-lhe na corôa. Saturno, porêm, alcançou que seu irmão lhe cedesse os direitos, sujeitando-se á clausula (imposta por Titan) de que devoraria á nascença quantos filhos machos sua esposa Cybele lhe désse á luz. Mas Cybele, quando teve o primeiro parto em que simultaneamente lhe nasceram Jupiter e Juno, soube illudir o marido, embrulhando uma pedra n'umas faixas e dizendo-lhe ser aquelle o fructo que déra á luz. Saturno, sem dar pelo ingano, inguliu o embrulho que sua esposa lhe apresentára. E d'est'arte conseguiu Jupiter escapar. Por uma fraude identica escaparam mais dois filhos: Neptuno e Plutão.

Titan vindo a saber do embuste, e julgando Saturno connivente n'elle, atacou o irmão, venceu-o, e incarcerou-o com Cybele. Jupiter, creado secretamente na ilha de Creta, quando chegou á epocha da juventude atacou por sua vez seu tio Titan restituindo a Saturno a liberdade e o poder supremo. Todavia Saturno, por haver lido no livro do Destino que um filho seu o expulsaria do throno, tratou de segurar-se perseguindo Jupiter com toda a casta de ciladas que imaginou armar-lhe. Jupiter logrou sempre frustrar-lhe os intentos damnosos, mas para acabar definitivamente com similhantes inquietações intendeu que o melhor seria desthronar o pae, e effectivamente assumiu a soberania.

Saturno, privado da corôa, refugiou-se na terra escolhendo para residencia a Italia, onde então reinava Jano que o acolheu com a mais obsequiosa hospitalidade e até repartiu com elle o mando dos seus estados. Saturno, grato ao fagueiro agasalho que incontrava na terra, ensinou aos homens a arte da agricultura e deu-lhes um codigo de leis virtuosissimas. Foi esta a quadra mais feliz na existencia dos povos do Lacio. A paz que então reinou alli em toda a sua plenitude e a pureza de costumes que caracterizou esta epocha de civilização fizeram com que os poetas lhe chamassem *edade de ouro*. (A esta succederam na designação dos tempos a *edade de prata*,

a *edade de bronze* e a *edade de ferro;* assim expressavam symbolicamente os pagãos, pela successiva inferioridade dos metaes, a progressão ascendente em que a perversidade dos homens foi, com o correr dos seculos, substituindo a innocencia primitiva).

A gratidão especial de Saturno para com Jano revelou-se ainda em lhe outorgar o conhecimento absoluto, tanto do passado como do futuro. Ahi está o motivo por que Jano se representa com duas caras, uma na parte anterior e outra na posterior da cabeça. Os Romanos em tributo de veneração commemoraram-lhe o nome no mez de Janeiro (em latim *Januarius)* e consagraram-lhe um templo celebre, que se conservava sempre fechado durante a paz e aberto emquanto havia guerras.

Saturno, como symbolo do *Tempo,* representa-se na figura de um velho com uma foice na mão esquerda para indicar que o tempo tudo destroe; na esquerda pintam-lhe uma ampulheta para significar que o tempo corre depressa, e é ainda isso mesmo que denotam as azas com que frequentemente o figuram; finalmente collocam-lhe tambem aos pés uma serpente incurvada em circulo e mordendo a propria cauda, como significativa imagem de que a evolução dos tempos se effectua n'um circulo continuo e perpetuo.

Em honra de Saturno celebravam-se no mez de dezembro festas solemnes, a que davam o nome de *Saturnaes.* Emquanto ellas duravam, o Senado Romano interrompia as suas sessões, fechavam-se as escolas, e nem mesmo podia ter logar n'esse periodo execução alguma capital. Mais ainda: nos cinco dias, que as festas duravam, costumavam os amos servir á mesa por suas proprias mãos os seus escravos como demonstração de que sob o reinado (infelizmente curtissimo) do bom Saturno todos os homens eram eguaes.

Cybele, filha de Urano e esposa de Saturno, havia sido, em pequenina, exposta no monte Cybele (na Phrygia); as feras, porêm, longe de a devorarem (como pretendia quem alli a abandonou), incarregaram-se de a crear e de a amammentar; d'est'arte escapou ella milagrosamente á morte que lhe haviam preparado, e em commemoração do facto deram-lhe por nome a propria denominação do monte em que este prodigio se verificou. Tambem lhe chamavam Ops e Rhéa. Tanto na Grecia e na Italia como na Asia o seu culto estava muito vulgarizado. Tinha por sacerdotes os Curetes ou Corybantes, ós quaes celebravam as festividades da deusa dançando ao som de tambores e cymbalos.

Pintam-n'a os mythologos sob a figura de uma grave e robusta matrona vestida de verde e sentada n'um carro puxado por quatro leões; adorna-lhe a cabeça uma corôa de folhas de carvalho, ou uma serie de torres circularmente dispostas em fórma de diadema. Eram-lhe consagrados o pinheiro e o buxo. Em seus altares sacrificavam-lhe touros, cabras e porcos, como emblemas da fecundidade.

Ha quem confunda Cybele com Vesta,—confusão que de resto na mythologia greco-romana se incontra ainda com respeito a outras divindades. Assim, por exemplo, Cybele, recebia tambem culto religioso sob a designação de *Tellus* (Terra), quando afinal de contas (como acima se disse já) a verdadeira *Tellus* era sua mãe Titéa (esposa do Ceu). Note-se, porêm, que a tendencia de grupar na mesma entidade attributos de entidades diversas é propensão muito commum do paganismo greco-romano. A verdadeira Vesta, de quem a seu tempo nos occuparemos, é propriamente filha de Cybele.

Cybele, quando Saturno expoliado do throno por seu filho Jupiter se refugiou nos estados de Jano, dizem os mythologos que acompanhára seu esposo á Italia e que tomára parte nos beneficios com que Saturno concorreu para a civilização d'aquelles povos,—pelo que ella era tambem venerada sob o significativo epitheto de *boa deusa*.

Jupiter e Juno

Filho primogenito de Saturno e de Cybele, Jupiter era no paganismo greco-romano o mais poderoso dos deuses e o rei do ceu e da terra; como tal, presidia ao *conselho celeste*. Quando elle nasceu, sua mãe para evitar que Saturno o devorasse escondeu-o na ilha de Creta, onde foi amammentado pela cabra Amalthéa e creado sob a vigilancia das Nymphas e dos Corybantes, os quaes com o estridor de seus cymbalos e tambores evitavam que aos ouvidos de Saturno chegassem os vagidos da creança. Mais tarde, Jupiter teve occasião de revelar a sua gratidão para com a cabrinha, collocando-a no firmamento transformada em constellação.

Quando Jupiter se resolveu a desthronar Saturno, colligou-se com seus dois irmãos Neptuno e Plutão; para que a empresa, porêm, tivesse um exito feliz, os Cyclopes prestaram-se a forjar-lhes as armas; d'esta fórma prevenidos, Jupiter com um raio, Neptuno com um tridente e Plutão com um capacete, conseguiram facilmente triumphar de seu pae, cuja

soberania repartiram depois entre si. Jupiter ficou sendo o soberano do ceu, Neptuno o dos mares e Plutão o do inferno.

Tempos depois, os gigantes, filhos de Titan, e conhecidos tambem pelo nome patronymico de Titans, conceberam o projecto de se revoltarem contra Jupiter escalando o ceu. Para isso começaram por collocar montes sobre montes, e prepararam-se para disputar a Jupiter a soberania celeste pondo em acção todos os recursos gigantescos de que dispunham. Entre os Titans havia sobretudo tres que eram realmente famosos pela sua prodigiosa organização, a saber: Briareu, que tinha cem braços; Encelado que arrancava rochedos sem para isso carecer de esforço algum e com a mesma facilidade os arremessava ao ceu; finalmente Typheu, talvez o mais terrivel de todos porque, alêm de possuir uma altura tal que chegava com a cabeça ao ceu, reunia a particularidade de ser meio-homem e meio-serpente. Jupiter, assustado com a prodigiosa força dos adversarios, chamou em seu auxilio os deuses e as deusas. Por esta fórma defendido e soccorrido, logrou Jupiter triumphar dos gigantes, muitos dos quaes morreram na lucta, emquanto outros foram precipitados no Tartaro ou ficaram soterrados debaixo do monte Etna.

Simultaneamente começava a lavrar na especie humana a corrupção e o crime em toda a larga escala do seu completo desinvolvimento. Para castigar a perversidade que então caracterizava os homens, resolveu Jupiter exterminál-os com o diluvio universal; transformou-se a superficie da terra n'um vasto oceano, em que todos succumbiram com excepção apenas de Deucalion e sua mulher Pyrrha, pessoas afamadas por seus virtuosos sentimentos. Boiando n'um fragil batel em que se salvaram d'aquelle horroroso cataclysmo, aportaram afinal ao cume do monte Parnaso (na Beocia). Depois as aguas foram successivamente baixando nos pontos circumvizinhos até que a terra novamente ficou enxuta. O mundo, porêm, podia dizer-se-deserto; da antiga raça humana restavam apenas Deucalion e Pyrrha. Os dois esposos dirigiram-se ao oraculo de Themis e consultaram-n'o sobre o que lhes cumpria fazer. Disse-lhes o oraculo que cobrissem ambos a cabeça com um veu, e que por cima do hombro atirassem pedras para traz das costas. Assim fizeram elles; e as pedras que arremessavam iam-se convertendo immediatamente em viventes da especie humana,—em homens as pedras arremessadas por Deucalion, e em mulheres as que sua esposa arremessava. D'esta fórma tornou, pois, o mundo a povoar-se rapidamente.

Jupiter havia tomado por esposa sua irman Juno, de quem

houve apenas um filho e uma filha. Em compensação, porêm, numerosa foi a prole a que deu origem fóra do thalamo conjugal n'uma serie infinita de infidelidades, que fizeram de Juno uma esposa ciumentissima. Jupiter, para mais facilmente obter o exito que desejava nas seducções a que se propunha, recorria ao expediente das transformações. E ora se metamorphoseava em cysne para seduzir Leda, que o fez pae de Castor e de Pollux,—ora se convertia em chuva de oiro para penetrar na torre de bronze em que se achava fechada a sete chaves a formosa Danae (d'estes amores nasceu um filho, a que puzeram o nome de Perseu),—ora assumia a figura de um touro para raptar Europa, que dois filhos deu á luz (Minos e Rhadamanto),—ora se transformava em satyro para surprehender Antiope, de quem houve Zetho e Amphion,—ora se apresentava deante da esposa de Amphytrião, disfarçado com as feições d'este principe, visto que só assim com similhante fraude lograria ser acolhido nos braços da virtuosa Alcmene, a qual por esse facto veio a ser mãe do famoso Hercules,—ora se revestia com as feições de Diana para inganar a nympha Calisto (Arcas foi o fructo d'esta união),—ora se disfarçava em trajos de pastor para seduzir Mnemosyne, de quem teve por filhas todas as nove musas. Mais ainda:—de Maia nasceu-lhe um filho, Mercurio; de Latona nasceram-lhe Apollo e Diana; de Semele nasceu-lhe Baccho; de Dione nasceu-lhe Venus (outros pretendem que a deusa da formosura nascêra da escuma do mar); etc., etc. Finalmente, sem carecer do concurso de deusa ou de mulher alguma, Jupiter foi o pae de Minerva; elle proprio a deu á luz por uma fórma prodigiosa; sentindo-se atormentado por uma cephalalgia horrorosa, pediu a Vulcano que lhe rachasse a cabeça com um machado; pela brecha que Vulcano lhe fez, sahiu-lhe de dentro do craneo a deusa Minerva já completamente armada de lança e capacete.

Havia Prometheu (filho de Japeto e neto de Urano) moldado em barro umas figuras humanas; e, pretendendo infundir-lhes vida, ousou para animál-as roubar o fogo celeste. Irritado perante similhante audacia, Jupiter mandou acorrentar Prometheu sobre uma penedia do Caucaso, onde uma aguia lhe ía successivamente devorando o figado,—supplicio medonho que não devia ter fim, porque o figado lhe renascia á proporção que lh'o devorava a aguia. D'este supplicio o livrou Hercules afinal, matando a aguia e quebrando os grilhões de ferro que amarravam Prometheu ao Caucaso.

Havendo Jupiter por essa occasião declarado que reserva-

va exclusivamente para si o direito de formar as creaturas humanas, os outros deuses despeitados quizeram de certo modo protestar contra esse exclusivismo e incarregaram Vulcano de lhes fabricar uma mulher; depois, para conglobarem n'ella o summo da perfeição, cada um lhe offereceu por adorno um dom precioso; Venus deu-lhe a formosura, Minerva a sabedoria, Mercurio a eloquencia, e todos os outros á proporção a brindaram com dotes valiosos; por isso lhe chamaram Pandora (que em grego quer dizer *conjuncto de todos os dons).* Jupiter a seu turno, fingindo não perceber o sentimento de rebellião que este procedimento dos outros deuses e deusas inculcava, offereceu-lhe tambem por presente uma caixa na qual se achavam incerrados todos os males da natureza, e ao dar-lh'a recommendou-lhe mui terminantemente que não a abrisse nunca. Mas Pandora que entre tantos dons, com que a haviam brindado, não tinha recebido o valioso condão de saber resistir á curiosidade, tão commum nas creaturas femininas, commetteu a imprudencia de levantar a tampa da caixa para examinar o que havia dentro. Tanto bastou para que immediatamente se espalhassem por sobre a terra os males todos que Jupiter alli tinha fechado.

Jupiter era venerado sob um grande numero de nomes e epithetos, segundo os logares em que o adoravam. Uma das suas denominações era a de *Jupiter Olympico,* porque diziam ser no cume do monte Olympo que o deus supremo convocava sob a sua presidencia o conselho das divindades, e Olympo se chamava tambem a côrte celeste. *Jupiter Ammon,* lhe chamavam os Egypcios. Os Romanos veneravam-n'o sob o cognome de *Capitolino* em consequencia do templo que Tarquinio Suberbo lhe consagrou no Capitolio; outras vezes adoravam-n'o sob a invocação de *Stator* (do latim *stare,* que significa *suspender, fazer parar)* em commemoração do auxilio com que este deus protegêra Romulo, fazendo suspender a marcha dos Sabinos, quando estes se achavam já prestes a apoderar-se de Roma. *Jupiter Hospitaleiro* lhe chamavam tambem, porque presidia ao estricto cumprimento dos deveres da hospitalidade. Finalmente os Gregos designavam-n'o pelo nome de *Zeus.*

Representa-se Jupiter na figura de um varão magestoso, com aspecto soberano e em toda a plenitude da energia viril, os olhos negros e scintillantes, sobrancelhas espessas, testa larga e arejada, os cabellos da barba negros, compridos e bastos. Sentado em throno de ouro ou de marfim, com o diadema real na cabeça, impunha com a dextra em vez de sce-

ptro um raio. Aos pés pintam-lhe ordinariamente uma aguia em attitude de prestes a erguer o vôo.

Das arvores era-lhe especialmente consagrado o carvalho. Entre os innumeros e variadissimos templos, que o paganismo lhe erigiu, o mais celebre foi o de Olympia (cidade da Elida); deram-lhe especialmente celebridade a estatua colossal do deus executado pelo insigne esculptor Phidias e os jogos *olympicos* que de cinco em cinco annos se celebravam com grande pompa nas cercanias da cidade.

Juno, esposa de Jupiter, filha de Saturno e de Cybele, era a rainha dos deuses, a soberana do ceu e da terra, a protectora dos reinos e dos imperios. Antes de casar com Jupiter, havia elle pretendido seduzil-a metamorphoseando-se em cuco; Juno, porêm, apezar do disfarce, reconheceu o irmão e não se deixou illudir, recusando-se a acceitar-lhe os galanteios sem elle a desposar. Depois de casada, Juno deu largas ás suas tendencias ciumentas e ao seu genio imperioso e vingativo; as infidelidades de seu marido irritavam-n'a sobremaneira, e desforrava-se então perseguindo cruelmente as suas rivaes; por outro lado, como zelosa e ciosa que era, tratava por todos os meios possiveis e imaginaveis de oppor constantemente obstaculos e imbaraços ás tentativas eroticas de seu infiel marido, cujos passos vigiava e espreitava cuidadosamente.

Uma das rivaes de Juno, que mais cruelmente expiou o desgraçado acaso de haver agradado a Jupiter, foi a nympha Io, filha de Inacho. Sobre esta desincadeou-se o genio irascivel da vingativa deusa por uma fórma tenaz e perseverante. Possuia a nympha umas feições lindissimas, e o rei dos deuses apaixonára-se loucamente por ella; mas Io esquivava-se a dar-lhe ouvidos. Uma vez que Jupiter corria atraz d'ella sem poder alcançál-a, imaginou um estratagema para obrigál-a a parar, e foi este o de fazer descer á terra uma nevoa tão cerrada e densa, que a nympha teve effectivamente de suspender os passos; então facil foi a Jupiter surprehendêl-a e apanhál-a. N'isto, porêm, Juno, maravilhadissima por se lhe afigurar lá do Olympo um caso extranhissimo tão condensada cerração a involver a terra, desceu curiosa de saber que significava tão extraordinario phenomeno. Chegada que foi, occorreu-lhe logo a idéa de que seria estratagema inventado por Jupiter para incubrir alguma das suas triviaes infidelidades, — e, para certificar-se por seus proprios olhos, tratou de fazer esvaecer a nevoa. Lá incontrou effectivamente a nympha, apezar de a haver Jupiter por cautela metamorphoseado em vacca. Nem mesmo assim a desgraçada nympha escapou á co-

lera de Juno, porque esta, simulando grandes desejos de possuir uma vacca tão bonita, pediu a Jupiter que lh'a désse, e o marido não houve remedio senão ceder ás instancias da esposa. Juno confiou então a vacca á vigilancia de Argos, o qual tinha ordem de nunca a perder de vista,— preceito que, de resto, lhe era facillimo cumprir em consequencia de ter nada menos do que cem olhos; d'est'arte, mesmo quando Argos dormia, d'esses cem olhos apenas cincoenta se fechavam; os outros cincoenta conservavam-se cuidadosamente abertos; quando cançados, revezavam-se; e assim, debaixo d'aquella rigorosissima vigilancia, impossivel se tornava a Jupiter approximar-se da vacca. N'estas circumstancias o soberano deus incarregou Mercurio de matar o incorruptivel Argos adormecendo-o previamente aos sons harmoniosos da sua flauta magica. Juno, em signal de sentimento e como testemunho de gratidão posthuma, metamorphoseou Argos em pavão, — e não desistiu dos seus projectos de vingança e perseguição, pois que para se desforrar da sua rival (mesmo transformada em vacca) mandou um tavão ou moscardo, que picando-a incessantemente obrigava a infeliz Io a andar correndo sem descanço de um para outro lado. Conta-se que n'este peregrinar constante lhe succedeu passar uma vez por junto de seu pae; a nympha, para dar-se a conhecer, traçou o seu nome no solo, escarvando com os pés na areia; Inacho, reconhecendo a filha, ia a lançar-lhe mão; porêm o moscardo apressou-se logo a picar com tão forte ferroada a pobre vaquinha, que esta não teve remedio senão deitar-se ao mar, e nadando atravessou o Mediterraneo até que chegou ao Egypto, onde Jupiter lhe restituiu sua primeira fórma, e d'elle teve um filho a que se poz o nome de Epapho. Os Egypcios ficaram-n'a a lorando sob o nome de Isis, e a representaram mais tarde sob a figura de uma múlher com cabeça de vacca.

A colera ciumenta de Juno exerceu-se ainda sobre outras victimas; taes foram, por exemplo, Semele (a mãe de Baccho), e Europa a quem a esposa de Jupiter ficou odiando por tal fórma, que a sua vingança chegou a repercutir se nos proprios descendentes de Cadmo (irmão d'aquella princeza). No seu desespero intransigente, que a obrigava a praticar desatinos, a deusa resolveu uma vez abandonar o Olympo e retirou-se para a ilha Eubéa. Jupiter tratou de vêr se lhe amansava os impetos e a reconduzia ao thalamo conjugal preparando-lhe uma scena theatral em que a invergonhasse pelo ridiculo. Para isto fingiu que ia receber outra esposa, e mandou infeitar uma estatua de mulher com fatos de noiva. Pre-

parada assim a estatua, deu ordem para a levarem processionalmente n'um carro triumphal pelas ruas de Platéa. Juno, chegando-lhe aos ouvidos o boato de que ia ser substituida no logar de esposa de Jupiter, acudiu a toda a pressa, e no auge da colera arremessou-se sobre o carro a esfarrapar por suas proprias mãos o vestuario da supposta noiva. Só quando percebeu, que era uma boneca, foi que reparou na situação ridicula em que tinha cahido, e acabou então por se reconciliar com seu esposo.

Mas o seu genio irascivel não tinha emenda; as scenas violentas de ciume repetiam-se. Jupiter, farto afinal de aturál-a, buscou outro meio de lhe domar os impetos. Suspendeu-a por uma cadeia de oiro entre o ceu e a terra; e calçou-lhe um par de sapatos de iman, prendendo a cada um d'elles uma enorme bigorna. N'esta critica situação todos os outros deuses tiveram dó immenso d'ella, mas debalde forcejaram por libertál-a; só Vulcano é que afinal conseguiu soltál-a desatando o intrincado nó da cadeia que a prendia. De resto, Juno possuia na sua majestosa formosura o condão de re-intrar sempre nas graças do soberano esposo. Mas só dois fructos provieram d'esta união conjugal: Vulcano (o deus do fogo) e Hebe (a deusa da juventude).

Entre Romanos e Gregos estava generalizadissimo o culto d'esta deusa. Sobretudo em Argos, em Samos e em Carthago, celebravam-lhe festividades com a mais estrondosa pompa. Representavam-n'a sob a figura de uma rainha majestosa sentada n'um throno, com diadema na cabeça e sceptro na mão, ás vezes com um pavão á ilharga. Tambem a figuravam n'um carro puxado por dois pavões. O pavão era a sua ave predilecta, desde que n'ella havia metamorphoseado o perseguidor da nympha Io depois de assassinado por ordem de Jupiter. Muitos pintores, quando a representam, aggregam-lhe a companhia de Iris sua confidente e mensageira.

Neptuno e as divindades maritimas

Neptuno foi o segundo filho de Saturno e de Cybele. Pelo desthronamento de Saturno, pertenceu-lhe a soberania dos mares. Mais tarde, havendo tomado parte n'uma conspiração contra Jupiter, foi, por ordem d'este, desterrado do ceu juntamente com Apollo. Pouco, porêm, durou o exilio de Neptuno; e em breve o deus dos mares se viu restituido á honraria de tomar assento no conselho celeste.

N'uma disputa que sustentou com Minerva,—disputa de que mais tarde falaremos quando tratarmos d'esta deusa em especial, e em que se discutia qual dos dois seria capaz de crear um objecto mais util,—Neptuno, batendo com o seu tridente no chão, fez surgir da terra um cavallo. Foi talvez em commemoração de Neptuno ter creado um animal tão util á humanidade, que os povos do paganismo greco-romano celebravam as festividades do deus dos mares com jogos solemnes em que figuravam sobretudo corridas de cavallos e de carros.

Abaixo de Jupiter, Neptuno era o mais graduado dos deuses; e o seu culto por toda a parte estava popularizado. Em Corintho consagravam-lhe os jogos *Isthmicos* e em Roma os *Consuaes*. Em seus altares immolavam-lhe cavallos e touros.

Não era só o imperio dos mares que lhe pertencia, mas o dos rios tambem, o dos lagos, o de todas as aguas em geral, e inclusivamente o das ilhas, das peninsulas e mesmo dos continentes na sua parte littoral. Attribuiam ao seu influxo os tremores de terra.

Costumavam representál-o de pé n'um carro em fórma de concha puxado por cavallos marinhos que o transportavam sobre o oceano. Como symbolo de realeza collocavam-lhe um diadema na fronte, e na mão o tridente com que elle alternadamente acalmava ou incapellava as ondas do mar.

Neptuno teve por esposa Amphitrite, filha do Oceano e de Doris.

«Amphitrite, formosa como as flores.»

(Camões — *Lusiadas*, VI)

Amphitrite a principio recusava-se a desposar o deus dos mares que a requestava, e só pela astucia dos golphinhos é que afinal Neptuno conseguiu vêr a seu lado aquella que tanto amava; no meio, porêm, de tão violento amor, numerosas foram tambem as infidelidades que o deus das aguas fez á esposa, enamorando-se repetidas vezes de varias nymphas.

Os mythologos representam Amphitrite ou no mesmo carro de Neptuno á ilharga do esposo, ou (quando sósinha) n'uma elegante concha de madreperola puxada por dois golphinhos.

Oceano, o sogro de Neptuno, era o deus honorario dos mares; ao genro pertencia, como acabamos de ver, o dominio effectivo. Representavam-n'o sob a figura de um velho sentado nas ondas, com uma lança na mão e um monstro marinho á ilharga. Filho do Ceu e da Terra, o Oceano teve de Tethys um grande numero de filhas (as Oceanides), entre ellas a nym-

pha Doris que casou com seu irmão Nereu e deu origem ás Nereides.

Tethys, que desfructava nominalmente a honraria de rainha das aguas (a deusa dos mares propriamente dita era Amphitrite), representavam-n'a com sceptro aureo na mão e sobre um carro em fórma de concha puxado por golphinhos.

Oceanides e Nereides eram as nymphas maritimas, a quem os navegantes offereciam libações de leite e mel no intuito de terem a seu favor a protecção d'aquellas divindades sempre que projectavam qualquer viagem. Representavam-n'as sob a figura de mulheres moças e bonitas, reclinadas no dorso dos golphinhos e infeitadas com grinaldas de flores; outras vezes attribuiam-lhes figura de monstros marinhos, metade homens e metade peixes. Em tempo de bonança immolavam-lhes cordeiros e porcos; por occasião de tempestade sacrificavam-lhes um touro preto.

A par das Nereides podem classificar-se as Naiades, nymphas sob cuja protecção estavam os rios e as fontes. Eram filhas de Jupiter e habitavam em grutas á beira d'agua ou entre cannaviaes. O paganismo offerecia-lhes libações de leite, azeite, mel, fructas e flores; tambem lhes sacrificavam cordeiros ou cabras.

Nereu, que de sua irman Doris teve por filhas as cincoenta Nereides, era afamado pela bondade natural do seu caracter, e pelo dom que tinha de predizer o futuro; para esquivar-se, porêm, á impertinencia dos que constantemente o incommodavam a consultál-o, adoptava o expediente de se metamorphosear sob fórmas multiplas, com o intuito de amedrontar os consultantes ou de se disfarçar por modo que não o conhecessem. Habitava ordinariamente no mar Egeu, onde as Nereides o divertiam com seus cantares e danças.

Subordinado a Neptuno, cumpre não deixar de mencionar Eolo, o rei dos ventos, classificavel tambem entre as divindades maritimas. Prestes sempre a obedecer ao deus dos mares, exercia o seu dominio sobre os ventos, e empolava ou serenava as ondas conforme lhe ordenava Neptuno. Era filho de Jupiter, e habitava em Lipari (uma das ilhas Eolias, situada entre a Italia e a Sicilia); lá é que elle tinha incarcerados n'uma gruta os ventos.

«... Aqui n'um antro immenso
O rei preme, incarcera, algema, infreia
Luctantes ventos, roncas tempestades;
Em torno aos claustros de indignados fremem

Com gran rumor do monte. Em celsa roca
Sentado, Eolo arvora o sceptro, e as iras
Tempera e os amacia. Que o não faça...
Varridos mar e terra e o ceu profundo
Lá se vão pelos ares! Cauto, em furnas
O Omnipotente os aferrolha escuras,
E, um cargo de montanhas sobrepondo,
Lhes deu rei que, mandado, a ponto as bridas
Suster saiba ou laxar.»

VIRGILIO — *Eneida*, I

(Traducção de M. Odorico Mendes)

Da nympha Salacia teve Neptuno um filho, a que se poz o nome de Tritão (alguns o dizem filho de Amphitrite por supporem Salacia um dos cognomes da deusa do mar). Tritão era uma divindade maritima, que só tinha corpo humano até á cintura; d'ahi para baixo assimilhava-se a um peixe; e mesmo o peito e os braços eram cobertos de escamas. Servia-lhe de trombeta um buzio, cuja sonoridade havia conseguido tornar harmoniosissima, e com que desimpenhava o incargo de corneta d'ordens de seu pae. Camões descreve-o picturescamente quando no canto VI dos *Lusiadas* diz o seguinte:

«Tritão, que de ser filho se gloria
Do rei e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pae e seu correio.

Os cabellos da barba e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Uns limos prenhes d'agua e bem parecem
Que nunca brando pentem conheceram;
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros misilhões que alli se geram;
Na cabeça por gorra tinha posta
Uma mui grande casca de lagosta.»

Tritões se ficaram tambem chamando, como seu pae, todos os filhos que este deus procreou. Estas divindades subalternas constituiam o cortejo de Neptuno, cujo carro acompanhavam soprando em buzios e tirando d'elles notas harmoniosissimas.

Filhas de Neptuno e de Amphitrite diz-se que eram as Har-

pias, monstros que tinham rosto de mulher, corpo de abutre, azas de morcego, orelhas de urso, e garras nas mãos e nos pés. Maculavam com a sua immundicie tudo em que tocavam. D'entre todas havia tres sobretudo celebres, que tinham o dom da prophecia: Aello, Ocypete e Celeno, se chamavam estas.

Entre as divindades fluviaes, figuravam apar das Naiades deuses masculinos; os rios eram muitas vezes symbolizados por deuses de categoria subalterna. Um d'estes era, por exemplo, Achelôo (filho do Oceano e de Tethys).

De Achelôo e de Calliope nasceram as Sereias, outro grupo ainda de divindades maritimas. Eram monstros com figura de mulher até á cintura e corpo de peixe da cintura para baixo. Outros suppunham-lhes corpo de ave com rosto e seio de mulher. Habitando em penhascos escarpados entre a Italia e a ilha de Caprea, possuiam ellas o dom de cantar tão linda, tão suavemente que ninguem podia resistir á melodia magica de suas canções. Ai! do nauta que ousasse singrar n'aquellas paragens! de inlevado que ficava, perdia insensivelmente o rumo, e ia irresistivelmente bater nos penhascos onde o navio se fazia pedaços. D'est'arte as Sereias, depois de fazerem naufragar os navegantes, devoravam-n'os. Havia-lhes, porêm, predito o oraculo que, se algum homem por alli passasse a quem a magia de suas vozes não fizesse naufragar, n'esse momento morreriam ellas, as Sereias. E assim succedeu. Ulysses, prevenido por Circe, ao navegar por aquellas paragens, tratou previamente de entupir com cera os ouvidos de seus tripulantes e, para poder escutar aquellas vozes fascinantes sem perigo de precipitar-se ao incontro das tentadoras, deu ordem ao piloto para o amarrar de pés e mãos ao mastro do navio.

Então as Sereias, de despeitadas que ficaram por se verem logradas, precipitaram-se no mar, onde foram metamorphoseadas em penhascos.

Para terminarmos o grupo das divindades maritimas restanos fallar de Proteu e de Glauco.

Proteu, filho do Oceano e de Tethys, era o incarregado de apascentar as phocas e outros monstros marinhos que constituiam os rebanhos de Neptuno. A sua habitual residencia era nas grutas do mar de Carpathia, onde iam frequentemente consultál-o como oraculo, porque tinha o dom de ler no futuro; mas comprazia-se em esquivar-se a quem o consultava, e para intimidar ou illudir os curiosos metamorphoseava-se successivamente em dragão, em tigre, em leão, em porco montez, ou em agua torrencial, em labareda impetuosa, em arvore, em pedra, em cannavial, etc., etc. Era preciso que o consultante

se não deixasse intimidar por estas successivas metamorphoses, e continuasse sempre a insistir com a exigencia das suas perguntas, para afinal Proteu se resolver a dar a resposta que lhe pediam. Prestavam-lhe os pagãos grande culto, e os mythologos representam-n'o sob a figura de um velho sentado n'uma rocha com as phocas e outros monstros marinhos reclinados a seus pés.

Glauco era pelos gregos reverenciado como a divindade symbolica da pesca. Filho de Neptuno (segundo alguns), havia começado por exercer na Beocia o mestér de pescador. Um dia, estando, na praia, viu elle que tendo collocado sobre certas hervas uns peixes que havia acabado de pescar, estes intraram de prompto a reanimar-se e a exercer movimentos até que saltaram vivos outra vez para a agua. Calculando por aquelles effeitos extraordinarios que as hervas teriam alguma virtude singular, comeu d'ellas e immediatamente impellido por um impeto irresistivel se precipitou nas ondas, d'onde não tornou mais a sahir porque Neptuno o transformou em peixe e o elevou depois á categoria de divindade maritima. Representavam-n'o geralmente com figura humana, de barbas brancas a escorrer em agua, cabellos compridos e tambem inchaceados a fluctuarem-lhe debruçados por sobre os hombros, braços em fórma de barbatanas, e peito coberto de limos e algas marinhas.

Glauco apaixonou-se por Scylla, uma formosa nympha, de quem Circe teve ciumes,—e por isso esta vingou-se da sua rival impeçonhando-lhe a agua da fonte onde Scylla costumava banhar-se. O effeito da vingança foi rapido e medonho: Scylla, apenas introu n'agua, viu-se repentinamente convertida n'um monstro tão hediondo, que horrorizada de si propria não incontrou outro expediente senão precipitar-se no mar, onde ficou transformada no temivel cachopo, que ainda hoje conserva o seu nome.

Defronte de Scylla existe outro cachopo conhecido pelo nome de Charybdes. Collocados no estreito de Messina, um da banda da Italia e outro da banda da Sicilia, estes dois escolhos tremebundos, que todo o nauta deve cuidadosamente evitar, apenas deixam entre si uma apertadissima passagem. Singrar entre ambos sem tocar n'um nem n'outro constituia para os povos antigos uma das mais imbaraçosas situações nauticas. *Estar entre Scylla e Charybdes* ficou sendo uma locução proverbial adoptada para accentuar a situação critica de quem se incontra entre dois riscos egualmente difficeis de evitar.

A mythologia, que phantasiára uma lenda para o rochedo de Scylla, devaneou outra tambem para o de Charybdes. Charybdes (segundo os mythologos) havia sido uma mulher que, por ter furtado vaccas a Hercules, foi para castigo transformada por Jupiter em penhasco.

Plutão e as divindades infernaes

O terceiro filho de Saturno e de Cybele tinha por nome Plutão. *Ades* lhe chamavam os gregos. Coube-lhe em partilha o reino dos Infernos. Os mythologos representavam-n'o com semblante carrancudo, barba espessa e negra, tendo por diadema uma corôa d'ebano e em vez de sceptro um forcado; o throno do deus dos infernos era de ebano tambem. Outras vezes figuravam-n'o sentado n'um carro puxado por cavallos pretos.

Plutão, apezar do seu tremendo poderio, teve difficuldades em incontrar noiva que se prestasse a desposál-o, tão medonha era a truculenta feição do seu rosto. Aconteceu, porêm, que sentindo uma vez grandes tremores de terra lá para as bandas da Sicilia,—tremores provenientes do sobre-humano esforço com que os gigantes sotopostos ao Etna buscavam libertar-se agitando convulsivamente aquelle monte,—teve curiosidade de ir pessoalmente examinar o caso, receando que os gigantes conseguissem minar o terreno e introduzir-se-lhe nos seus Estados. N'esta excursão incontrou elle Proserpina, filha de Jupiter e de Ceres, que andava apanhando flores no campo. Enamorando-se de tão formosa virgem, Plutão lançou mão d'ella e, sem fazer caso de suas lagrimas, levou-a roubada para os Infernos, onde afinal a poder de instancias e de carinhos conseguiu que Proserpina o acceitasse por esposo e condescendesse em ficar compartilhando o throno infernal.

Não costumavam os pagãos dedicar templos especiaes a Plutão; e nos sacrificios, que se lhe offereciam, os animaes que lhe immolavam deviam ser sempre de côr preta. D'entre as arvores consagravam-lhe o cypreste. O seu culto era especialmente celebrado em Crotona, em Syracusa e em Nysa; n'esta ultima cidade tinha Plutão um afamado oraculo.

Sob o nome generico de *Inferno* ou *Infernos* designava-se o conjuncto dos vastos dominios, em que Plutão governava como soberano. O Inferno era uma região subterranea, para onde iam as almas dos que morriam afim de serem ahi julgadas e premiadas ou castigadas segundo as boas ou más obras

que houvessem praticado. A intrada do Inferno, suppunham-n'a os mythologos ser na Campania a chamada lagôa do Averno; esta lagôa, consagrada a Plutão, apresentava effectivamente a particularidade de exhalar miasmas infectos, a ponto de cahirem mortas as aves que por alli ousassem esvoaçar. Não admira, pois, que a phantasia supersticiosa dos pagãos devancasse alli a intrada para o reino das trevas.

Ovidio no livro IV das *Metamorphoses* descreve pela fórma seguinte a intrada para as regiões infernaes:

«Vai tacita e declive, ao fundo Averno,
Via obumbrada de funereos teixos;
Alli paues da Styge exhalam nevoas;
Por alli vão descendo em chusma as sombras
Dos recem-mortos que lograram cova;
Pallida cerração, medonha, horrenda,
Senhoreia esses páramos sem termo.»

(Traducção de Castilho)

O Inferno dividia-se em tres partes principaes:—O Erebo, o Tartaro ou Ténaro, e os Campos-Elysios.

O Erebo era a parte que mais proxima ficava da terra; constituia por assim dizer o vestibulo dos dominios infernaes. O Tartaro, collocado a uma profundidade immensa, era o sitio destinado para os grandes criminosos expiarem seus delictos em tormentos horrorosos. Finalmente nos Campos-Elysios habitavam as almas dos justos, dos virtuosos, d'aquelles que por qualquer fórma haviam contribuido para o bem-estar da humanidade; reinava alli uma primavera eterna e uma delicia constante.

Minos, Eaco e Rhadamanto, que tinham outr'ora sido poderosos monarchas na terra, desempenhavam no Inferno o cargo de juizes ante os quaes Mercurio conduzia as almas dos mortos; incumbia-lhes, pois, sentenciar o castigo ou premio das más ou boas acções praticadas por cada um. Minos, Eaco e Rhadamanto haviam sido providos n'aquella magistratura suprema e tremenda em recompensa das inexcediveis virtudes e alta sabedoria, que esses tres monarchas tinham demonstrado ao governarem outr'ora seus povos.

Cinco rios havia circumdando o reino de Plutão: o Styge, o Acheronte, o Cocyto, o Phlegethonte e o Lethes. De todos estes o mais celebre e o mais pavoroso era o Styge, que em seu percurso descrevia nove circuitos em torno da mansão infernal. Em vez de rio chamavam-lhe alguns mythologos lagôa,

dando-lhe designação feminina. Entre os pagãos tomar o Styge ou a Styge por testemunha solemne de qualquer promessa era o juramento mais inviolavel que se podia prestar,—tão inviolavel que os proprios deuses, inclusivamente o soberano Jupiter, não poderiam quebrál-o sem se arriscarem á perda de seu poderio!

O Acheronte suppunham-n'o os mythologos filho do Sol e da Terra, e fôra transformado em rio infernal pelo crime de haver fornecido agua aos Titans, quando estes se revoltaram contra Jupiter; as aguas do Acheronte distinguiam-se por essencialmente amargas e lodosas.

O Cocyto descrevia o seu percurso em torno do Tartaro; as suas aguas não eram outra cousa mais do que as lagrimas vertidas pelos condemnados que alli expiavam seus crimes.

O Phlegethonte circumdava o Tartaro tambem; mas este era um rio de fogo: d'entre as suas ondas em labaredas surgiam gritos de angustia exhalados pelos infelizes que ahi padeciam o tormento das chammas.

«Phlegethonte das casas, em que habita
A eterna noite, os muros vai lambendo;
Espadanas de fogo, com que imita
Os rios, pelas margens brota ardendo;
Nas ondas, que do centro ao ar vomita,
O espumoso rio está fervendo,
Vendo-se as almas, que arrojava o centro,
Sahir ao alto e recolher-se dentro.»

(G. P. de Castro — *Ulysséa*, iv)

Finalmente o Lethes, o *rio do esquecimento*, atravessava os Campos-Elysios e tinha o condão de fazer com que todos, quantos d'elle bebessem, olvidassem o que haviam passado na terra.

Quando as almas dos mortos chegavam á margem do Styge, era o barqueiro Caronte quem os transportava em seu batel, assim como depois egualmente para atravessarem o rio Acheronte. O velho bateleiro, de physionomia torva e modos desabridos dizia-se filho do Erebo e da Noite.

«Era Caronte velho, a quem cobria
A vista a sobrancelha carregada,
E sobre o pardo peito lhe cahia
A espessa barba, nunca penteada;

Os membros nus que em parte descobria
A roupa, do largo uso maltratada,
Velho, porêm robusto por extremo
Com forças aptas ao pezado remo.

(G. P. DE CASTRO — *Ulysséa*, IV)

Exigia Caronte como paga de seu trabalho uma peqüena moeda de cobre pela passagem de cada finado,—e, se algum não possuia com que lhe pagar, tinha o infeliz de vaguear durante cem annos junto ás margens do tenebroso rio antes de conseguir que o barqueiro o transportasse; era por isso que os povos da antiguidade costumavam sempre metter uma moedinha de cobre, a que chamavam obulo, na sepultura de cada defuncto.

Ao desimbarcar do batel de Caronte incontrava-se o celebre *Cerbero* ou cão trifauce, que exercia as funcções de vigilante porteiro na região infernal. Era um cão monstruoso com tres cabeças, e portanto com tres guelas formidaveis que medonhamente escancaradas ameaçavam devorar quem d'entre os vivos ousasse penetrar n'aquelles sitios; e a mesma furia denunciava tambem se d'entre as sombras dos finados alli domiciliados alguma tentasse evadir-se.

No numero das divindades infernaes costumam os mythologos incluir Nemesis ou Adrastea. Era ella a deusa das vinganças celestes, e cumpria-lhe infligir o castigo dos crimes que as leis humanas deixassem impunes, como a crueldade, a suberba, a ingratidão, o perjurio, o abuso das riquezas, e outros analogos. Filha do Erebo e da Noite, ou (segundo outros) de Jupiter e da Necessidade, representavam-n'a impunhando um archote inflammado e um mólho de serpentes; costumavam tambem figurar-lhe azas como symbolo de que o castigo segue prestes a perpetração do crime. Em Roma tinha esta deusa um altar, onde lhe immolavam victimas os guerreiros antes de partirem para a peleja.

Verdadeiramente, porêm, as incarregadas de atormentarem os criminosos precipitados no Tartaro eram Tisiphone, Alecto e Megera. Filhas da Noite e do Acheronte, designavam-n'as collectivamente pela denominação generica de Furias ou Eumenides. Representavam-n'as sob a figura de tres mulheres magras e macilentas, com azas de morcego e serpentes em vez de cabellos; de feia e horrivel catadura, inspiravam pavor a quem as via; o fato que usavam era negro, insanguentado e meio rasgado; n'uma das mãos impunhavam um archote acceso e na outra um mólho de viboras ou serpen-

tes, petrechos estes que lhes serviam para flagellar e atormentar os condemnados. O seu ministerio tremendo ultrapassava mesmo as raias da mansão infernal, porquanto lhes era licito ir á terra torturar os vivos quando estes por sua escandalosa perversidade assim o mereciam.

O culto das Eumenides era um dos mais generalizados no paganismo greco-romano; immolavam-lhes nos templos ovelhas e rolas, e offertavam-lhes nos altares libações de vinho e mel. D'entre os vegetaes eram-lhes consagrados o cedro, o amieiro, o açafrão e o zimbro. Em Athenas as testemunhas que iam depor no Areopago tinham obrigação de jurar primeiramente sobre o altar das Eumenides que só diriam puras verdades.

Entre as divindades de categoria subalterna, que têem residencia no reino de Plutão, cumpre mencionar ainda as tres Parcas. Filhas do Erebo e da Noite, presidiam estas tres irmans ao nascimento, ao decorrer da existencia, e finalmente á morte de todos os homens. A vida humana achava-se nas mãos d'ellas symbolizada por uma pouca de lan que fiavam, — lan que era de côr branca se o mortal a quem o fio pertencia tinha por destino ser feliz, ou negra se pelo contrario lhe estava destinada uma existencia amargurada e desditosa. Clotho, a mais moça das tres irmans, era quem sustinha nas mãos a roca, e presidia ao nascimento de cada um; Lachesis incostada a um sócco, em torno do qual se achavam rosas e abrolhos, fazia girar o fuso, e prolongava mais ou menos a existencia de cada vivente symbolizada n'aquelle fio; finalmente a mais velha das tres, a implacavel Atropos, com o rosto involvido n'um veu de crepe e coroada com ramos de cypreste, segurava na mão a thesoura fatal com que n'um dado momento eortava o fio e dava assim terminação á existencia por elle representada. Estas tres divindades, verdadeiras ministras do deus dos Infernos, representavam-n'as os mythologos frequentemente sentadas em attitude austera junto aos degraus do throno de Plutão.

Alêm das divindades que ficam já mencionadas, varias outras havia ainda que os mythologos localizam no reino das sombras, e são ellas: — os Manes, os Lares, os Penates, o Somno, Morpheu, os Sonhos, a Noite e a Morte.

Os Manes eram divindades infernaes, a que os povos da antiguidade rendiam grande veneração. Tinham a seu cargo a guarda das sepulturas. O paganismo erguia-lhes altares e offerecia-lhes sacrificios; os animaes que lhes immolavam eram geralmente ovelhas de côr negra. Estes sacrificios tinham es-

pecialmente por fim tornar propicias aquellas divindades para que as almas dos mortos não andassem vagueando inquietas á roda das sepulturas. D'entre os vegetaes era-lhes consagrado o cypreste. As duas iniciaes *D. M.* que frequentemente se incontram nos tumulos romanos, e que significam *Diis Manibus*, indicam que esses tumulos se achavam d'est'arte collocados sob a protecção dos deuses Manes. Pela denominação de Manes tambem os antigos designavam ás vezes as divindades do Inferno em geral.

Os Lares eram os deuses protectores do lar domestico. Figuravam-n'os geralmente em numero de dois; diziam-n'os irmãos gemeos, filhos de Mercurio e da nympha Lara; representavam-n'os sob o aspecto de adolescentes, e muitas vezes lhes davam por companheiro um cãosinho,— symbolo da vigilancia domestica; outras vezes mesmo os proprios deuses Lares eram representados sob a figura d'este animal. Entre os Romanos era uso generalizadissimo ter cada familia as imagens d'estas duas divindades, representadas em estatuetas de prata, de marfim, de pau ou de barro. Collocavam-n'as ordinariamente com grande veneração, como guardas das habitações, ao canto das chaminés, nos vestibulos ou logo atraz da porta d'intrada. As offerendas, com que as familias diligenciavam conservar os Lares sempre propicios, consistiam em leite, fructas, flores, incenso e algumas das iguarias mesmo que se serviam na mesa do repasto.

Aos Penates incumbiam funcções analogas ás dos Lares:— eram tambem os protectores das familias, os patronos da domesticidade. Não constituiam, porêm, divindades especiaes; quer dizer, cada familia podia escolher para Penates aquelles que mais lhe approuvessem d'entre os deuses em geral, e sob cujo patrocinio mais devoção tivesse de collocar sua casa. Geralmente as imagens dos Penates estavam depositadas com grande respeito no logar mais intimo e secreto das habitações. Chegava mesmo a ser supersticiosa a veneração que se tributava a estas imagens. Eneas, por exemplo, quando no incendio de Troia trata de fugir transportando nos braços seu velho pae Anchises, deixa intregue muito imbora ao furor das chammas um sem-numero de preciosidades, mas o que não prescinde de salvar do fogo são as imagens dos Penates.

O Somno, filho do Erebo e da Noite, é uma divindade que pertence ainda á secção do reino das sombras, e cuja residencia consiste n'um antro profundissimo inaccessivel aos raios da luz. A' intrada d'este antro florecem papoulas e outras plantas soporiferas; em-torno d'elle deslisam as aguas do Lethes.

Representa-se o Somno reclinado n'um leito de cortinados negros; á ilharga assistem-lhe Morpheu e os Sonhos.

Morpheu é o principal ministro do Somno. O seu mestér consiste em arredar toda qualquer bulha que perturbe o silencio e o remanso do antro supra-mencionado. Pertence-lhe mais o incargo de adormecer os homens, tocando-lhes na fronte com uma papoula. Alguns mythologos tomam-n'o pelo deus do somno propriamente dito e não simplesmente por seu ministro. Incumbe a Morpheu tambem inviar os Sonhos aos mortaes.

Os Sonhos passam por filhos do Somno, e são numerosos como as estrellas do ceu ou como as areias do mar. Nascem-lhes das espaduas azas de morcego com que adejam suavemente em derredor do leito de seu pae e seu soberano, velando para que este não acorde do seu constante adormecimento. O paganismo distinguia duas variedades ou grupos de Sonhos: os que levavam aos mortaes visões plausiveis e verdadeiras e os que lhes levavam apenas falsas illusões; estes sahiam da mansão das sombras por uma porta de marfim, aquelles por uma porta de substancia cornea. Distinguiam ainda o grupo dos Sonhos pavorosos e o dos muito extraordinarios; estes eram commandados por Phantaso (filho tambem do Somno) e aquelles por seu irmão Phobetor.

No livro xi das *Metamorphoses* descreve-nos Ovidio a gruta do Somno:

«Junto aos Cimmerios, n'um cavado monte
Jaz uma gruta de ambito espaçoso,
Interna habitação do Somno ignavo.
Nos extremos do ceu, do ceu nos cumes
Nunca lhe póde o sol mandar seus raios;
A terra exhala escurecidas nevoas,
O crepusculo incerto alli é dia;
Alli não chama pela aurora o gallo;
Do logar o silencio nunca rompem
Os solicitos cães, os roucos patos,
Sagazes inda mais, mais presentidos.
Não fera, não rebanho alli se escutam,
Nem ramo algum que os Zephyros embalem,
Nem alterados sons de voz humana;
O calado socego alli reside.
De baixa e rôta pedra sáe, comtudo,
De agua do Lethes pequenino arroio,
Que por entre os mexidos, leves seixos

Com murmurio suave escorregando,
Convida mollemente ao molle somno.
A' bocca da sombria, ampla caverna,
Florecem mil fecundas dormideiras;
Innumeraveis hervas lá se criam,
De cujo sumo, ó noite, extráes os somnos
Que humida intornas pela terra opaca.
Porta alguma não ha na estancia toda
(Volvendo-se, ranger, bater pudéra);
Ninguem vigia na fragosa intrada.
De ebano um alto leito está no meio;
E em negras plumas que veu negro involve
Repousa o deus co'a languida Indolencia.
Emtorno, varias fórmas imitando,
Jazem os Sonhos vãos; são tantos quantas
Na loura messe as tremulas espigas,
Quantas na selva umbrosa as moveis folhas,
E os grãos de arcia nas equoreas praias.
O Somno em tantos mil não tem ministro
Mais dextro que Morpheu, que melhor finja
O rosto, o modo, a voz, o traje, o passo,
A propria locução; porêm sómente
Este afigura os homens. Outro em fera,
Em ave se converte ou em serpente:
Icélon pelos deuses é chamado;
Os humanos Phobetor o nomeiam.
Ha terceiro tambem, de arte diversa:
E' Phantasos que em pedra, em terra, em onda,
Em arvore, e no mais, que não tem alma,
Subito e propriamente se transforma.
Uns aterram de noite os reis e os grandes;
Outros por entre o povo errantes voam.»

(Traducção de Bocage)

Resta-nos falar da Morte e da Noite.

A Morte, filha do Erebo e da Noite, passava por ser a mais implacavel das divindades infernaes. Representam n'a sentada á porta do Tartaro sob a fórma de um esqueleto medonho com azas e involvida n'um veu preto que lhe desce pelos hombros té arrastar no chão; n'uma das mãos segura uma foice; na outra, uma ampulheta. Nos sacrificios, com que os pagãos pretendiam aplacar a habitual iracundia d'esta divindade, sacrificavam-lhe gallos. D'entre os vegetaes eram-lhe consagrados os teixos e os cyprestes.

Finalmente a Noite era tambem reputada divindade infernal. Já, quando no principio d'este livro falámos do Chaos, tivemos occasião de alludir á Noite; ahi, porêm, incarámol-a puramente como allegoria symbolica das trevas. Considerada como divindade da mansão infernal, dizem-n'a filha do Chaos; outros derivam-n'a do Ceu e da Terra. Representam-n'a sentada n'um carro de ebano, involta n'um veu preto cravejado de estrellas; em seu percurso precedem-n'a as constellações, que lhe servem de mensageiras. Costumam figurar-lhe nas mãos um sceptro de chumbo. Attribue-se allegoricamente á Noite uma numerosa prole: as Eumenides, por exemplo, diziam-se filhas da Noite e do Acheronte; as Parcas passavam por filhas de Erebo e da Noite, assim como tambem o Somno, a Morte, Nemesis, o barqueiro Caronte, etc., etc.

Entre os grandes criminosos, que por seus extraordinarios delictos e iniquidades mereceram ser punidos no Tartaro com castigos tambem extraordinarios e excepcionaes, tornam-se mórmente notaveis Ixion, Sisypho, Tantalo e as Danaides.

Ixion, rei dos Lapithas, para grangear a mão de Clia (filha de Deioneu) havia promettido ao futuro sogro magnificos presentes; realizada a boda, porêm, não hesitou Ixion em faltar ao que promettêra, — o que obrigou Deioneu a pagar-se por suas mãos, escolhendo para si nas estrebarias do genro os melhores cavallos que lá incontrou. Ixion soube disfarçar o seu despeito e a sua colera; mas aguardou a primeira occasião que se lhe offerecesse para estrondosamente se vingar.

Effectivamente, uma vez que pilhou em sua propria casa incauto e desapercebido o desditoso Deioneu, Ixion mandou precipitál-o n'uma fornalha ardente. Perante um crime d'estes não houve ninguem que não ficasse horrorizado. Ixion tornou-se um monstro odioso, sobre quem choviam de todos os lados as pragas e as maldições. N'esta conjunctura, vendo que não incontrava sobre a terra mão compassiva que se lhe extendesse, Ixion levantou olhos supplicantes para o ceu e recorreu a Jupiter. Este, commovido pelos remorsos de Ixion, promptificou-se a recebêl-o na mansão celeste e admittiu-o á mesa dos deuses. Estava, porêm, determinado que não findariam ainda as iniquidades de Ixion! Deslumbrado perante os fascinantes incantos da formosa Juno, o ingrato concebeu por ella uma paixão violentissima, e teve a insolente audacia de lh'a declarar. Juno offendida perante uma ousadia d'aquellas, foi queixar-se immediatamente a Jupiter, o qual formou de uma nuvem um phantasma com a figura e as feições exactamente de sua esposa, para d'este modo observar até que pon-

to chegaria o atrevimento d'Ixion. Este, incontrando-se com o phantasma nebuloso e afigurando-se-lhe que era a propria deusa em pessoa, cahiu na armadilha que o deus supremo lhe preparára, e perdido de amores abraçou-se com a nuvem; dizem os mythologos que d'este phantastico abraço procedem os Centauros. Jupiter, antolhando-se-lhe Ixion um simples doido, irresponsavel, que houvesse perdido o uso da razão e a consciencia por ter bebido o nectar dos deuses, contentou-se em expulsál-o do convivio celeste. Vendo, porêm, que o perverso andava por toda a parte gabando-se de lhe ter maculado o thalamo conjugal, fulminou contra elle um raio com que o precipitou no Tartaro, onde as Furias o amarraram com serpentes a uma roda, que girava constantemente no meio das chammas.

Outro dos condemnados, a quem no Tartaro couberam castigos excepcionaes, foi Sisypho,— um perverso facinora que havia praticado na Attica os mais odiosos delictos, porquanto, em seu criminoso mestér de salteador, não lhe bastava ainda infestar as estradas roubando aos transeuntes quanto levavam, mas inclusivamente por um requinte de medonha atrocidade atormentava os que tinham a desdita de cahir em seu poder e terminava por lhes dar a morte no meio dos mais crueis supplicios. Theseu, rei de Athenas, por libertar seus estados de tão damninho monstro, deu-lhe caça e acabou por matál-o. No Inferno os juizes condemnaram-n'o a arrastar incessantemente desde a falda de um monte até ao seu cume um pedregulho enorme, roliço, que, apenas Sisypho conseguia lá collocar em cima, resvalava-lhe immediatamente pela montanha abaixo, e o condemnado voltava á sua constante, ininterrupta, interminavel tarefa.

Tantalo,— outro dos grandes criminosos que figuram no Tartaro,— era filho de Jupiter e da nympha Plote. Quiz Tantalo experimentar se era certo, como se dizia, saberem os deuses tudo quanto se praticava, mesmo que fosse feito ás escondidas. E para isso teve a atrocissima idéa de matar seu proprio filho Pelops, de cujas carnes fez um guizado e o apresentou á mesa dos deuses. Era na occasião em que Ceres andava no auge da afflicção procurando sua filha Proserpina, a quem Plutão raptára. A deusa, intregue á dolorosa preoccupação que a consumia, comeu, sem reparar, d'aquelle abominavel guizado. Os outros deuses, porêm, conheceram logo o acto perversissimo de Tantalo,— o qual, sendo precipitado no Tartaro, foi ahi condemnado a passar perpetuamente fome e sêde. E, para mais tormentoso lhe ser o castigo, prenden-o Mercu-

rio com cadeias, e o immergiu até á ponta da barba n'um lago da mansão infernal, pondo-lhe tambem junto á bocca um ramo carregado de formosas fructas. D'est'arte mais e mais se lhe tornavam sensiveis os horrores da fome e da sêde perante aquella continua tentação dos fructos e da agua,—porque, se o condemnado erguia a cabeça para trincar dos fructos que lhe pendiam do ramo, logo este se erguia no ar a ponto de Tantalo, preso como estava, lhe não poder chegar; se abaixava a cabeça para beber no lago, logo tambem o nivel das aguas baixava, e o misero via-se impossibilitado de saciar sua ardentissima sêde.

Falemos por ultimo das Danaides. Por este nome patronymico designava a mythologia cincoenta irmans, filhas dê Danao (rei de Argos), o qual tivera um irmão chamado Egypto (a quem por seu lado haviam nascido tambem cincoenta filhos). Com a mira em conciliar interesses de familia, Egypto planeou o consorcio dos filhos com as sobrinhas. Danao, porêm, recusou acceder a similhante ajuste, por lhe ter vaticinado um oraculo que morreria ás mãos de um de seus genros; propunha-se portanto conservar solteiras as Danaides. Estas mesmo não estavam de accôrdo com a lembrança do tio, por se lhes afigurar incestuoso o consorcio com os primos. Egypto buscou então resolver a questão pelo emprego da força, inviando os filhos á testa de uma expedição contra Danao. O rei de Argos, vendo invadidos os seus estados e sem recursos bastantes para resistir aos invasores, pactuou com elles, e ajustaram-se afinal as bodas. Mas Danao teve o cuidado de recommendar ás filhas que, terminado o festim nupcial, degollassem os maridos n'essa mesma noite, mal estes adormecessem. Todas cumpriram á risca as ordens do pae, menos Hypermnestra; esta, em vez de acceder aos barbaros e vingativos preceitos de Danao, tratou pelo contrario de salvar seu noivo, dando-lhe fuga. Lynceu se chamava o unico dos cincoenta que escapou a esta cruel carnificina,— e mais tarde veio elle a vingar a morte de seus irmãos matando o sogro e cumprindo-se assim o vaticinio do oraculo. As quarenta e nove Danaides, que degollaram os maridos na noite das bodas, passaram depois a segundas nupcias com principes gregos; nenhuma d'ellas, porém, sobreviveu largo tempo. E todas afinal foram precipitadas no Tartaro, onde por castigo lhes deram a interminavel tarefa de perpetuamente incherem um tonel... sem fundo!

Vulcano, Venus e Cupido

Vulcano, venerado pelo paganismo como deus do fogo, passa por ter sido o unico filho masculino que Jupiter houve do seu consorcio com Juno.

Quando nasceu era tão feio e disforme, que Jupiter n'um accésso de impetuoso despeito olvidou os deveres da paternidade a ponto de arrumar no filho um formidavel pontapé, com que brutalmente o precipitou do ceu. Da quéda lhe resultou quebrar uma perna, em consequencia do que ficou sempre coxeando. O que a natureza, porêm, lhe recusára em dotes physicos de formosura e elegancia, deu-lh'o profusamente em habilidade manual e finura de ingenho.

Vulcano tornou-se distinctissimo no fabrico das armas, e em geral nas applicações utilissimas que industrialmente soube fazer dos diversos metaes. Os primores d'arte mais celebres da antiguidade mythologica, todos o paganismo lhe attribue; taes são por exemplo o sceptro de Jupiter e o de Agamemnon, as armas de Marte, o tridente de Neptuno, o collar de Venus, o escudo de Achilles, a armadura de Eneas, etc, etc.

Foi na ilha de Lemnos que Vulcano estabeleceu suas forjas e officinas; mas outras teve tambem no archipelago das ilhas Lipari e nas cavernas do monte Etna.

Eram seus officiaes os *Cyclopes,* gigantes monstruosos de uma força formidavel, que tinham apenas um olho, e este no meio da testa. Filhos do Ceu e da Terra (segundo uns) ou de Neptuno e Amphitrite (segundo outros) os Cyclopes foram afinal mortos por Apollo em vingança de haverem forjado o raio com que Jupiter fulminou Esculapio.

Representa-se Vulcano sob a figura de um homem robusto mas feio, de barba crescida e cabellos desgrenhados, nu da cintura para cima e alagado em suor, segurando n'uma das mãos um martello e na outra uma tenaz de ferreiro. Veneradissimo entre os povos da antiguidade, Vulcano, a quem os Gregos davam o nome de *Hephaistos,* tinha numerosos templos entre os Romanos, templos habitualmente guardados por cães. D'entre os animaes era-lhe consagrado o leão.

Por ter as feições notavelmente feias, difficil foi a Vulcano, apezar de sua alta estirpe, incontrar deusa que por marido o quizesse.

E todavia... a mais formosa de todas, essa foi exactamen-

te a que o deus ferreiro para si eubiçou,—Venus, a deusa da belleza!

Deu-lh'a Jupiter em casamento como signal de gratidão por ser Vulcano quem fabricava os raios para seu pae. Outros dizem, porêm, que tal união fôra o premio offerecido pelos deuses, quando Vulcano se prestára a satisfazer-lhes o pedido que lhe haviam feito de desatar o intrincado nó da cadeia com que Jupiter prendêra em tempos e suspendêra entre o ceu e a terra a impertinente Juno.

Seja como fôr, Vulcano casou effectivamente com Venus. Longe, porêm, bem longe estava o deus ferreiro de suppor quantos desgostos lhe acarretaria a constante volubilidade da sua gentil esposa!

Venus era filha de Jupiter e de Dione (uma das nymphas maritimas). Phantasiam-lhe outros mais poeticamente a origem, dizendo que nascêra da escuma do mar. Logo ao nascer, Venus causou por sua deslumbrante belleza o pasmo de todo o Olympo,—e immediatamente a proclamaram bella entre as bellas quantos a viram.

Tal foi egualmente o voto de Páris quando convidado a formular seu juizo entre Venus, Minerva e Juno.

As coisas passaram-se pela fórma seguinte. Nas bodas de Thetis e de Peleu a Discordia, por vingar-se de não haver sido convidada ao banquete em que tomavam parte os outros deuses, atirou para sobre a mesa do festim um pomo aureo, no qual escrevera estas palavras: *Á mais formosa.* Tres foram as deusas que disputaram a posse d'aquelle pomo, julgando-se cada uma d'ellas exclusivamente a mais formosa de todas: Venus, Minerva e Juno. Para decidir-se a contenda, resolveram, sob proposta de Jupiter, tomar por arbitro o pastor Páris (filho de Priamo, rei de Troia, e de sua esposa Hecuba). Juno offerecia ao troiano em troca do seu voto a opulencia; Minerva offereceu-lhe a sabedoria; Venus prometteu-lhe... a mulher mais linda. Páris intregou a Venus o pomo aureo, e ficou ella d'est'arte solemnemente proclamada deusa da formosura.

Casada com o mais feio e o mais grosseiro dos deuses, sem para isso ter sido previamente consultada,—e vendo-se, por outro lado, cortejada por numerosos adoradores, rendidos ante a deslumbrante belleza de tão esplendidos incantos,—Venus teve a fraqueza de corresponder a esses cortejos, e grande foi o numero de infidelidades que commetteu. Marte, o deus da guerra (de quem houve por filho Cupido, o deus do amor),—Bacchо (de quem houve o Hymeneu e as tres Graças),—An-

chises, principe troiano (de quem houve Eneas), — e Adonis, um caçador formosissimo (filho de Cinyras e de Myrrha),— taes foram os quatro mais celebres de quantos lograram captar-lhe o agrado.

Para com Adonis sobretudo a paixão de Venus assumiu as proporções do mais incarecido extremo; infastiava-se de estar no Olympo; só nas verdes florestas de Chypre, em companhia do amante, é que lhe surria o contentamento d'alma; ao partir, porêm... que saudades! que magoas! que tristeza infinda! tristeza, magoas e saudades que só no dia seguinte poderiam suavizar-se quando se tornassem a incontrar os dois.

Foi inspirado n'esta incantadora fabula que o visconde de Almeida-Garrett compoz a sua estreia litteraria — *O retrato de Venus,*— um precioso mimo de graciosidade e frescura, apreciadissimo ainda hoje por quantos não tenham pervertido o bom-gosto nas aras immundas do moderno realismo.

Nos amores entre Venus e Adonis tudo em perpetua delicia haveria corrido, se não fossem os despeitos de Marte. Ciumento este deus, perante a infidelidade de Venus, tratou de vingar-se e conseguiu que Diana dispuzesse adrêde nas montarias, a que frequentemente Adonis se intregava, um javardo enorme, o qual, arremettendo contra o incauto caçador, n'elle fartou suas sanhas e o matou. Venus, inconsolavel pela perda do amante, transformou-o depois em anemona.

Poetas e artistas comprazem-se á porfia em pintar-nos Venus sob as mais seductoras feições de creatura feminina.

O dom fascinante, que ella possuia, attribuiam-n'o a um celebre cinto de especial condão,—cinto que a deusa muitas vezes usava como vestuario unico... quando se não apresentava em completo estado de nudez! N'este cinto achavam-se recolhidas as graças, os incantos, os desejos, os attractivos emfim. A' virtude excepcional d'este precioso talisman se diz que Juno recorreu, pedindo-o temporariamente imprestado a Venus, para fazer com que seu marido Jupiter a ficasse extremosamente amando.

Traços são de mestre delicadissimos e primorosos aquelles com que Luiz de Camões no canto II dos *Lusiadas* pintou a deusa da formosura comparecendo ante o concilio do Olympo:

«E, como ia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, e o ceu, e o ar vizinho,
E tudo quanto a via namorava.
Dos olhos, onde faz seu ninho o filho,

Uns espiritos vivos inspirava,
Com que os polos gelados accendia
E tornava de fogo a terra fria.

.....

Os crespos fios de ouro se esparziam
Pelo collo que a neve escurecia;
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam
Com quem Amor brincava e não se via;
Da alva petrina flammas lhe sahiam,
Onde o menino as almas accendia;
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos que como hera se inrolavam.

C'um delgado cendal as partes cobre
De quem vergonha é natural reparo;
Porêm nem tudo esconde, nem descobre,
O veu dos roxos lirios pouco avaro;
Mas para que o desejo accenda e dobre
Lhe põe deante aquelle objecto raro.
Já se sentem no ceu, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.»

Com excepção de Adonis, foi Marte, o deus da guerra, quem Venus mais particularmente extremou d'entre os seus adoradores. De Venus e de Marte nasceu Cupido ou o Amor, divindade que os gregos designavam pela denominação de *Eros*. Venerado entre os pagãos como o deus dos prazeres eroticos, Cupido é representado pela mythologia sob a figura de um formoso menino com azas; pintam-lhe ás vezes uma venda a tapar-lhe os olhos; por armas, uma aljava e um arco; na dextra um facho inflammado.

Quando Cupido veio á luz, Jupiter prevendo os numerosos males, a que o recemnascido viria mais tarde a dar causa, pretendeu fazêl-o perecer; mas oppoz-se-lhe Venus, que escondeu n'uma floresta o filhinho, e lá foi elle amammentado pelas feras; d'aqui procedia a tendencia ferina com que, depois de creado e desinvolvido, se comprazia em espicaçar com suas flechas os corações não só dos mortaes, mas inclusivamente dos proprios deuses, fazendo-os cruelmente padecer pungentissimas torturas de amor.

Apaixonou-se Cupido por Psyche, e do seu consorcio phantasiaram os mythologos ter nascido uma filha por nome Vo-

lupia, a quem o paganismo ergueu altares venerando-a como a deusa da voluptuosidade. Venus vendo seu filho tão rendido aos incantos da noiva, chegou a conceber no seu affecto materno tão violentos ciumes que, perseguindo incarniçadamente a nora, terminou por tirar-lhe a vida; Jupiter, porêm, accedendo ás incarecidas instancias do inconsolavel Cupido, condescendeu em restituir Psyche á vida e lhe outorgou mesmo o dom da immortalidade.

Marte, Minerva e as divindades guerreiras

Marte (de quem ora incidentemente falámos nos precedentes paragraphos, a proposito das infidelidades de Venus) symbolizava para os povos do paganismo o deus da guerra.

Venerado entre os gregos sob o nome de *Ares,* devêra exclusivamente a Juno o seu nascimento.

Despeitada por ter visto Jupiter dar á luz Minerva, sem para isso carecer do concurso da esposa, e julgando descer da sua altissima prosapia se por desforra não praticasse tambem o acto miraculoso de ser mãe sem o concurso do marido, Juno foi procurar quem a aconselhasse na maneira de proceder para levar a cabo o seu intento. Ensinou-lhe Flora certo vegetal, que tinha a especial virtude de fecundar qualquer mulher que lhe tocasse. Tocou-lhe Juno, e logo intraram a denunciar-se n'ella os phenomenos da maternidade. Por esta fórma nasceu Marte, o deus que preside aos combates.

Representa-se na figura de um guerreiro completamente armado desde a cabeça até aos pés; na cabeça, um capacete; na dextra uma espada ou uma lança, na esquerda um escudo. Por vezes figuram-n'o sobre um carro puxado por dois fogosos corseis, tendo a seu lado outra divindade guerreira que o auxiliava nas batalhas a instigar o ardor dos combatentes.

Bellona se chamava esta divindade, que segundo uns era irman do proprio Marte, e segundo outros filha de Neptuno e de Phorcys. Pertencia a Bellona o incargo especial de cuidar no coche e nos cavallos de Marte, a quem geralmente acompanhava por entre o fragor dos combates. Pintavam-n'a com os cabellos soltos, o olhar esbrazeado, n'um dos braços um escudo, na dextra um brandão accêso.

Em companhia de Marte figuravam tembem por vezes os mythologos duas divindades puramente allegoricas: a Victoria e a Fama.

A Victoria representavam-n'a sob as feições de mulher alegre, com azas, e coroada de louros, segurando n'uma das mãos uma grinalda feita com folhas de oliveira e de loureiro, na outra um ramo de palmeira.

Emquanto á Fama, essa passava tambem por ser mensageira de Jupiter, e entretinha-se em vaguear de dia e de noite pelos logares mais altos, publicando e divulgando em grandes berros toda a casta de novidades; n'isso consistia seu exclusivo mester; guardar silencio era-lhe completamente impossivel. Representavam-n'a os poetas sob a figura de um gigantesco monstro com azas, horrivel no aspecto, e com tantos olhos e orelhas, com tantas boccas e linguas como tinha de pennas a revestirem-lhe o corpo todo. Outras vezes, porêm, quando especialmente pretendiam representál-a como companheira de Marte a proclamar as façanhas dos guerreiros, pintavam-n'a em figura de mulher com azas, voando, e imboccando uma trombeta para mais alto fazer soar o louvor dos victoriosos.

Marte era muito venerado entre Gregos e Romanos. Pretendiam mesmo estes ultimos que Romulo e Remo haviam nascido da união do deus guerreiro com Rhéa Sylvia (filha de Numitor, rei de Alba). A isto se deve attribuir a generalização que teve em Roma o culto d'esta divindade. Numa Pompilio instituiu em honra de Marte doze sacerdotes, denominados *Salios* por celebrarem suas festas saltando e dançando; eram elles os incarregados de velarem pela guarda e conservação dos doze escudos sagrados, que a tradição lendaria dizia terem cahido do ceu, e aos quaes suppunham por superstitiosa crença que estava ligado o destino do povo romano.

Apar de Marte, e como divindade guerreira, tambem Minerva ou Pallas era venerada entre os pagãos Do cerebro de Jupiter nasceu esta deusa, já completamente armada, quando o supremo rei do Olympo, ao sentir-se uma vez torturado por violenta cephalalgia, pediu a Vulcano lhe rachasse o craneo com um machado.

Deusa da guerra e simultaneamente deusa da sabedoria, Pallas a denominavam de preferencia quando presidia aos combates, e Minerva quando presidia ás sciencias.

Quando o egypcio Cecrops tratou de fundar na Grecia a celebre cidade que ainda hoje existe conhecida pelo nome de Athenas, porfiaram Minerva e Neptuno entre si sobre qual dos dois lhe daria a denominação. Depois de muito disputarem, combinou-se que ficaria pertencendo essa honra áquelle dos disputantes que melhor coisa produzisse. Posta a questão

n'estes termos, — Minerva, batendo com a lança na terra, fez brotar d'ella uma oliveira em flor; Neptuno batendo com o tridente fez surgir da terra um cavallo. Convocados os deuses para juizes do pleito, decidiram elles afavor de Minerva, por ser a oliveira o symbolo da paz. Assim se ficou chamando Athenas á cidade (*Athene* era o nome que os Gregos davam á deusa Minerva).

Minerva não era só a padroeira das sciencias, mas das artes tambem. Houve uma dextrissima bordadeira, por nome Araehne, que ousou medir primazias com a deusa e convidál-a para um desafio em que se mostrasse qual das duas executaria melhor o bordado de uma certa tapeçaria. Acceito o repto pela deusa, viu esta no correr da obra que o trabalho da sua rival era perfeitissimo; e por isso, despeitada perante a consideração de equiparar-se-lhe uma simples mortal, tanto Minerva se incolerizou que despedaçando raivosa o bastidor de Araehne acabou por arremessar-lhe a lançadeira á cara. D'este procedimento injusto se doeu extraordinariamente a desditosa donzella, e por tal fórma se apaixonou, que os deuses houveram d'ella commiseração metamorphoseando-a em aranha; sob esta nova fórma continuou a habilidosa em seus ingenhosos lavores de teeelagem.

Minerva ou Pallas era entre os pagãos representada sob a figura de uma donzella grave, majestosa e severa; na eabeça um capacete; no peito uma couraça; na dextra uma lança; na esquerda embraçado um eseudo, em que se viam estampadas as feições de Medusa,— eelebre Gorgona cujo rosto possuia o especial condão de petrificar quantos n'elle easualmente fitavam os olhos.

Quando especialmente a consideravam como deusa das sciencias, representavam-lhe geralmente aos pés um mocho,— symbolo da prudencia e da sabedoria.

D'entre as aves, alêm do mocho, eram-lhe consagrados o gallo e a coruja; d'entre os reptis o dragão; d'entre os vegetaes a oliveira.

Apollo e Diana

Uma d'aquellas que por sua formosura conseguiu render de amores o soberano Jupiter foi Latona,— filha (segundo Hesiodo) de Cœo (um dos Titans que contra Jupiter se tinham rebellado) e de sua irman Phebe, ou (segundo Homero) filha de Saturno. Ao saber d'estes amores, sentiu Juno exasperar-se-lhe o natural ciume, e tratou de perseguir a sua rival in-

viando contra ella a serpente Python;—em consequencia d'isto, Latona viu-se obrigada a andar vagueando de uma parte para outra, quando já com ella apertavam os incipientes incargos da maternidade.

Era a serpente Python um monstro horrendo em fórma de dragão, que nascêra do lodo das praias, e de tão gigantescas dimensões, que, quando se indireitava, ia roçar nas nuvens. Possuia este monstro cem cabeças e outras tantas fauces por onde vomitava fogo, dando simultaneamente urros medonhos que enchiam de pavor a humanidade, e ante os quaes chegavam a estremecer os proprios deuses.

Tal se apresentava a implacavel perseguidora de que a ciumenta Juno se servira para atormentar a infeliz Latona, que tinha por conseguinte de andar em constante fuga de um para outro sitio no intuito de escapar á cruel sanha do temivel dragão.

Foi n'estas circumstancias que lhe valeu a commiseração de Neptuno, o qual lhe fez surgir no meio do mar a ilha Delos, onde a desventurada se refugiou até que deu á luz o fructo gemeo de seus amores:—Apollo e Diana.

Nascido que foi Apollo, mostrou logo claramente a origem divina de que procedia, praticando um acto arrojadissimo, o qual consistiu em matar a terrivel serpente Python—cruel perseguidora de sua mãe Latona. Apollo em memoria d'esta gloriosa façanha instituiu os jogos Pythicos. E a pelle da serpente, collocou-a sobre a tripode onde elle e os seus sacerdotes ou sacerdotizas se assentavam quando proferiam os oraculos; d'aqui procede a denominação de Pythia ou Pythonissa com que designavam a sacerdotiza de Apollo que predizia o futuro em Delphos, e que ficava possuida de um tremor phrenetico e convulsivo quando tinha de proferir seus oraculos, o que fazia com voz mal articulada e quasi sumida.

Apollo era o deus do sol, e por isso os poetas o tomam frequentemente como a propria personificação d'aquelle astro. Considerado como tal, chamam-lhe de preferencia Phebo (do adjectivo grego *phoibos*, luminoso, brilhante).

Pertencia a Phebo o incargo de governar o carro do sol, que os poetas do paganismo em sua opulentissima phantasia apricharam em devanear puxado por quatro suberbissimos corseis (Ethonte, Pirois, Eoo e Phlegon). Quem d'estes cavallos cuidava e quem tinha a incumbencia de atrelál-os todas as manhans ao respectivo carro eram as Horas (filhas de Jupiter e de Themis). Quando Phebo, ao amanhecer, trepava ao carro e impunhava as quadruplas redeas, quem graciosamen-

te lhe abria com os roseos dedos as portas do Oriente era a mimosa Aurora (filha de Titan ou, segundo outros, do proprio Apollo), deidade formosissima e toda a desatar-se em flores, toda rociada com as frescas perolas do matutino orvalho. D'ella nos diz picturescamente Gabriel Pereira de Castro na *Ulysséa:*

«..... As portas do Oriente,
Chorando aljofar, abre a linda Aurora
Que, quando ri nos ceus, nos campos chora.»

Enamorou-se Apollo da nympha Clymene (filha do Oceano e de Tethys), e d'ella houve um filho e tres filhas, a saber: Phaetonte (a quem tambem chamam Eridano), Lampecia, Phaetusa e Lampethusa.

Phaetonte, estando uma vez a jogar com Epapho (filho de Jupiter e de Io), teve com o seu companheiro de jogo certa desavença, da qual resultou trocarem ambos entre si varias expressões amargas, chegando Epapho a accusar Phaetonte de impostor por indevidamente se inculcar (dizia elle) como filho de Apollo, sem realmente o ser. Despeitado e no auge da indignação, Phaetonte foi ter com a mãe e todo afflicto se lhe queixou d'aquella affronta.

Clymene, para consolar o filho e simultaneamente o fazer reconhecer como authentico descendente de tão alta progenie, aconselhou-lhe que fosse procurar o pae no seu proprio palacio. Dirigiu-se, pois, Phaetonte ao palacio do Sol, onde Phebo se lhe deparou n'um salão deslumbrantissimo de opulencia e de luz:

«Em radioso throno esmeraldino
Se assenta Apollo em purpuras trajado,
Tendo de um lado e d'outro a côrte sua,—
Os Seculos anciãos, os tardos Annos,
Os Mezes deseguaes, os leves Dias,
E as Horas que dispoz a eguaes distancias;
Ria-se a ingrinaldada Primavera;
Suava o Estio nu, que espigas c'roam;
Mosto escorria recendendo o Outono;
Hirtas as cans, o Inverno tiritava.»

Ovidio — *Metamorphoses,* II
(Traducção de Castilho)

Despojou-se Apollo de todos os seus raios, apenas deu pela

presença do filho, e, querendo solemnemente dar-lhe um penhor da sua ternura paternal, jurou pelo Styge conceder-lhe quanto Phaetonte houvesse alli de pedir lhe. Pediu-lhe o filho então que lhe facultasse por um dia apenas o glorioso incargo de governar seu coche. Desvanecido e deslumbrado, antolhára-se-lhe este o mais apparatoso meio de justificar sua estirpe divina! Debalde procurou Apollo convencêl-o dos perigos inherentes a tão temerario desejo; debalde buscou o pae dissuadil-o de tão arrojada empresa; Phaetonte insistia na realização do seu pedido; Phebo, impenhado como ficára por um solemnissimo juramento que de fórma nenhuma lhe era licito quebrar, não teve remedio senão confiar o coche ao filho, recommendando-lhe todavia as cautelas precisas n'aquelle arriscado passo.

Trepou o mancebo para o coche, e impunhando as redeas tangeu os cavallos; estes, porêm, extranhando a mão de quem os guiava tomaram o freio nos dentes, e d'aqui resultou seguirem desordenadamente por um caminho diverso d'aquelle a que habituados estavam quando governados por Apollo. E n'este desinfreado galopar, ora o carro se avizinhava demasiadamente da terra, abrazando com extraordinaria calma as regiões perto das quaes passava,—ora, pelo contrario, se afastava d'outras mais e mais, deixando ahi tudo a perecer com frio.

Nem já o mal tinha remedio, antes receavam todos que de momento para momento viesse a realizar-se maior catastrophe! Para obviar a ella não incontrou o supremo Jupiter outro recurso senão fulminar o temerario Phaetonte, o qual despenhando-se dos ares foi cahir n'um rio da Italia, onde se afogou. Ao rio ficaram chamando Eridano; e é hoje conhecido pelo nome de Pó. Foi mui pranteado o tragico fim do desventurado mancebo, especialmente por suas irmans e por seu amigo Cyeno (rei da Liguria); os deuses, compadecidos ante a pungente magoa de Cyeno e das irmans de Phaetonte, metamorphosearam estas em choupos e aquelle em cysne.

Não foi só pela nympha Clymene que Apollo se apaixonou. Coronis, Daphne, Clycia e Leucothoe figuram entre as que mais ternamente o renderam.

Coronis (filha de Phlegias, rei dos Lapithas) começou por corresponder á paixão de Apollo. Decorrido, porêm, algum tempo, abandonou-o seduzida pela fascinante formosura de Ischys. Apollo, crescendo em colera perante a fementida traição da inconstante, matou-a simultaneamente com o seu rival.

Pouco tardou, porêm, que se não arrependesse de haver

exercido tão vehemente vingança;—e, como fôra um corvo que palreiro e denunciante o informára da infidelidade de Coronis, Apollo castigou n'elle o instincto perverso da intriga e da maledicencia convertendo-lhe em negras as pennas que até então tinham sempre sido brancas n'aquella ave.

Das intranhas da morta extrahiu Apollo uma creança ainda com signaes de vida, que tratou de reanimar, e cuja creação confiou ao centauro Chiron.

Ao menino puzeram o nome de Esculapio. O centauro Chiron ensinou-lhe os segredos da arte de curar as infermidades,—e tão sabio veio Esculapio a tornar-se n'este ramo de conhecimentos, que d'ahi lhe proveio sua propria ruina, porquanto Jupiter o fulminou despeitado em consequencia de haver Esculapio com o simples auxilio de seus medicamentos restituido á vida Hippolyto, filho de Theseu. Esculapio ficou sendo venerado como o deus da medicina. Representavam-n'o sob a figura de um ancião, sereno e grave no olhar, majestoso na attitude, respeitavel no porte, quasi sempre com barbas compridas e segurando n'uma das mãos um bordão com uma serpente n'elle inroscada; aos pés figuram-lhe um gallo, symbolo da vigilancia.

Apollo, por não poder desafogar sua colera no proprio Jupiter que lhe fulminára o filho, vingou-se matando os Cyclopes ¡que haviam forjado o raio. Jupiter, por seu lado usou tambem de represalias e castigou o atrevimento de Apollo expulsando-o da mansão celeste, tirando-lhe temporariamente as prerogativas divinas e reduzindo-o ás condições de simples mortal.

Foi n'estas circumstancias que Apollo se refugiou em casa de Admeto (rei da Thessalia), cujos rebanhos ficou pastoreando. Achava-se Neptuno tambem por essa occasião provisoriamente privado de sua soberania, em consequencia de haver tomado parte n'uma conspiração contra Jupiter.

Identica era portanto a situação de Apollo e Neptuno,—e ambos se prestaram a coadjuvar Laomedonte na edificação dos muros de Troia com a esperança de que seriam bem recompensados, como aliás lh'o promettêra aquelle monarcha. Este, porêm, que resumia em si tudo quanto se póde imaginar de mais requintado e apurado em questão de fraudes e dolo, falsidade e má fé,—apenas se pilhou servido, tratou de illudir as promessas que fizera; e, terminada a obra, nem Apollo, nem o seu companheiro, receberam estipendio algum.

D'aqui resultou que Apollo e Neptuno se vingaram severamente de tamanha perfidia. Apollo assolou os estados de

Laomedonte com uma peste horrorosa. Neptuno fez com que as aguas do mar vizinho lhe alagassem os campos, e, ainda não contente com isto, fez surgir um monstro medonho ao qual incarregou de ir derramando estragos e destruição por todo o paiz do perfido monarcha. N'isto os Troianos, vendo-se em tão apertada afflição, recorreram ao oraculo,—e por este lhes foi respondido que, para ficarem livres de taes calamidades, indispensavel era e forçoso expôr ao monstro a formosa Hesione (filha do rei Laomedonte), porque só d'est'arte lograriam aplacar a colera dos dois deuses justamente irritados.

Ainda assim, n'esta conjunctura tremenda houve quem valesse ao refalsado Laomedonte. Foi Hercules quem lhe acudiu, obrigando-se a dar cabo do monstro, se Laomedonte lhe promettesse em casamento a princeza Hesione. Laomedonte disse que sim; mas, segundo o costume, depois de servido, faltou traiçoeiramente á sua palavra, e Hercules indignado o matou então, offerecendo Hesione a Telamon, que a levou comsigo para a Thracia.

Daphne, por quem Apollo muito se apaixonou durante a phase do seu exilio na terra, era filha de um rei da Thessalia por nome Peneu. Teve, porêm, Apollo a desdita de não ser correspondido por Daphne; Venus, em vingança de ter sido Apollo quem descobrira a Vulcano suas infidelidades com o deus da guerra, incumbiu o Amor de tornar Daphne insensivel. Em cumprimento cabal d'esta incumbencia,—uma vez que Apollo perseguia de mui perto pelos campos fóra a sua formosa esquiva e já quasi prestes estava a lançar-lhe a mão, —o Amor metamorphoseou de subito Daphne em loureiro. D'aqui proveio ficar esta arvore consagrada a Apollo.

Tragicos, porêm, verdadeiramente ultra-tragicos foram os amores de Apollo com Clycia e Leucothoe, filhas ambas de Orchamo (rei da Assyria). Apollo começou por enamorar-se de Clycia; mas breve a deixou por Leucothoe. Clycia, vendo-se preterida por sua irman não teve animo para resistir a similhante golpe, e, de magoada que ficou, deixou-se morrer á fome. Apollo, internecido pela miseranda sorte da infeliz, metamorphoseou-a então em girasol. De seu lado tambem Leucothoe não desfructou mais ventura do que a desditosa Clycia, —porquanto, havendo esta, em seu primeiro impeto de ciume, denunciado ao pae os secretos amores de Leucothoe, Orchamo infureceu-se de tal fórma ao saber do procedimento da filha, que mesmo em vida a interrou. Apollo a metamorphoseou depois na arvore do incenso,—arvore que fez brotar da propria cova em que Orchamo sepultára viva a desgraçada Leucothoe.

Entre aquelles, a quem mais particularmente Apollo consagrou sua affeição, figuram Hyacintho e Cyparisso. Uma vez que Hyacintho estava jogando a barra com Apollo, Zephyro que tambem era amicissimo d'aquelle mancebo e que por amicissimo chegava a ter ciumes da estreita privança entre elle e Apollo, sentiu tal accésso de colerico despeito, que soprando na barra de Apollo, fez com que esta se desviasse da direcção primitiva e fosse desastrosamente bater na cabeça de Hyacintho, a quem derrubou e matou. Apollo consternado por ter involuntariamente concorrido para a morte de Hyacintho, metamorphoseou-o n'uma flor cheirosa e lindissima, ainda hoje conhecida pelo nome de jacintho.

Ciparisso era outro mancebo, tambem mui predilecto de Apollo. Possuia Ciparisso um veado, que muito estimava, e que por uma casual imprevidencia veio a matar por suas proprias mãos. Foi tal a magoa e o desgosto de que Ciparisso ficou possuido, que determinou morrer tambem. Apollo, porêm, vendo a pungente afflição em que se achava ingolfado o seu pobre amigo, tanto d'elle se compadeceu que o metamorphoseou em cypreste. E d'aqui proveio ficar sendo esta arvore considerada como o symbolo da tristeza e do lucto.

Dissémos que Apollo, considerado como deus do sol, tinha particularmente a designação de Phebo. N'esta qualidade o representam circumdado por um disco luminoso e guiando airosamente um suberbissimo coche puxado por quatro formosos cavallos.

No livro II das *Metamorphoses* descreve-nos Ovidio o carro do Sol pela fórma seguinte:

«..... fábrica alterosa,
Vasta, immensa,—obra e dom do grão ferreiro.
De ouro é seu eixo, de ouro a lança, de ouro
Chapeadas por cima as vastas rodas,
Com mil do centro ao aro argenteos raios.
Chrysolithos, matiz de pedraria,
São recamo aos esplendidos jaezes
Que, em chuveiros de luz, a luz scintillam.»

(Traducção de Castilho)

Apollo, porêm, não era simplesmente venerado entre os pagãos como deus do sol. Deus da poesia lhe chamavam egualmente, e deus da musica; assim considerado representavam-n'o segurando nas mãos uma lyra e tendo aos pés instrumentos diversos. Outras vezes figuram-n'o com aljava e arco.

Como deus da musica, exerceu sobre Marsyas uma cruel vingança; Marsyas era um satyro famoso, que se atrevêra a disputar em musica primazias com Apollo; este, por vingar-se do seu insolente rival, mandou barbaramente esfolál-o em vida. A Midas, porêm, contentou-se em infligir um castigo burlesco; Midas fôra um rei da Phrygia, que, nas suas tolas pretenções a bom intendedor, achára mais suave e harmoniosa a execução musical de Marsyas e a de Pan que a de Apollo; este em que se vingou foi em fazer nascer na cabeça de Midas duas orelhas de jumento!

Como Deus da poesia, Apollo frequentava assiduamente a companhia das nove Musas,—nove irmans, filhas de Jupiter e de Mnemosyne, consideradas como as divindades padroeiras das diversas artes e sciencias. Por terem nascido no monte Pierio, chamam-lhes os poetas Pierides. Era-lhes consagrado o rio Permesso e varias fontes tambem, taes como a Hippocrene e a Castalia; dos vegetaes estavam mórmente sob a sua protecção a palmeira e o loureiro.

Cada uma d'ellas tinha seu nome especial e sua especial attribuição.

Clio se chamava a musa que presidia á historia; representavam-n'a sob a figura de uma donzella coroada de louro, com uma trombeta na dextra e na esquerda um livro.

Euterpe presidia á musica e ás poesias pastoris. Diziam-n'a inventora da flauta, e representavam-n'a sob a figura de uma donzella coroada de flores, com papeis de solfa junto de si, tocando flauta, oboé ou qualquer instrumento analogo.

Thalia era quem patrocinava a comedia e a poesia lyrica. Figuravam-n'a coroada de hera, calçada com borzeguins e segurando nas mãos uma mascara.

Melpomene, a musa da tragedia, representava-se grave e sumptuosamente vestida, calçada com cothurnos, segurando na mão esquerda um sceptro, na dextra um punhal.

Terpsichore, a musa da dança, representava-se bailando ingrinaldada de flores; e tambem por vezes a pintavam segurando nas mãos algum instrumento musical com que se acompanhava em suas danças.

Erato, a musa da poesia lyrica, figuravam-n'a sob as feições de uma donzella formosa e aprazivel, coroada de murta e de rosas, e segurando n'uma das mãos uma lyra.

Polymnia era a musa da rhetorica; presidia ao gesto, á pantomima, á declamação; representavam-n'a trajando á grega ou á romana, impunhando um sceptro e coroada com um diadema de finas pedrarias.

Calliope, a musa da poesia epica ou heroica, representava-se coroada de louros, impunhando na dextra uma trombeta, e com a esquerda sobraçando as mais notaveis epopéas da antiguidade, taes como a *Iliada,* a *Odysséa* e a *Eneida.*

Finalmente Urania é a musa da astronomia; representam-n'a sob a figura de uma donzella grave e formosa, trajando roupas de côr azul-celeste, e coroada de estrellas, impunhando na dextra um compasso e segurando na esquerda um globo; como accessorios symbolicos, costumam figurar-lhe aos pés instrumentos de mathematica e de astronomia.

As Musas habitavam ora no monte Parnaso, ora no Pindo, ora no Helicon. Em companhia d'ellas vivia um cavallo com azas, o Pegaso, que havia nascido do sangue de Medusa quando Perseu degollou essa medonha Gorgona. Ao nascer, bateu o Pegaso com uma das patas no chão; e no sitio, em que bateu, brotou immediatamente uma fonte, a Hippocrene; junto a esta fonte, ou junto á Castalia, ou nas vizinhanças do rio Permesso, é que o Pegaso se comprazia em pastar.

Filha de Jupiter e de Latona, Diana veio á luz simultaneamente com seu irmão Apollo.

Por não ter querido casar-se, consideravam-n'a a deusa da castidade. Sua existencia decorria completamente despreoccupada no meio das florestas, onde seu principal entretenimento consistia nos exercicios da arte venatoria. Por isso a venerava o paganismo tambem como deusa da caça, e n'esta qualidade a representavam sob a figura de uma donzella intrepida, armada com arco e flechas.

Tinha por comitiva um numeroso grupo de nymphas, as quaes todas tambem tinham previamente renunciado ao casamento. Diana mostrava-se tão zelosa da honestidade de suas nymphas, que expulsou de sua companhia a nympha Calisto por ter condescendido em acceder ás suggestões de Jupiter.

E tão pudica era por natureza que — tendo-a casualmente visto nua no banho o caçador Acteon — logo a deusa lhe castigou a indiscreção metamorphoseando o infeliz em veado; d'aqui resultou morrer Acteon devorado por seus proprios cães, que não conheciam já o dono sob aquella nova configuração. No meio de tudo, apezar d'este seu extremo recato, diz-se que Diana acabára por ser sensivel, estremecidamente sensivel aos incantos de Endymião, e que tão ardentemente o amára, que repetidas vezes baixava do ceu á terra para com elle ter doces entrevistas.

Entre os numerosos templos, que o paganismo lhe erigiu, sobresahia por sua excepcional magnificencia o sumptuoso

templo de Epheso; desgraçadamente houve um perverso ou um doido, que, não podendo fazer transmittir seu nome á posteridade por acto algum glorioso, intendeu dever immortalizar-se lançando fogo áquella maravilha. O templo ficou consumido pelas chammas; e o nome do incendiario ficou effectivamente assignalado na historia, com a triste celebridade inherente á depravada natureza do seu acto odiosissimo!

Entre nós Evora ufana-se ainda hoje de mostrar aos seus visitantes, como elegante specimen dos monumentos romanos em que abundou aquella importantissima cidade, uns curiosissimos restos, mui bem conservados aliás, de sumptuoso templo que o paganismo erigiu alli á casta deusa. As ruinas do *Templo de Diana* em Evora constituem o que resta de mais interessante em Portugal com respeito á arte romana.

Diana, a deusa da castidade e a padroeira da caça, era tambem venerada pelos pagãos como deusa da lua (n'esta qualidade lhe chamavam especialmente Phebe) e como divindade dos tumulos (Hecate a denominavam então, chegando alguns mythologos a confundil-a n'este caso com a propria Proserpina).

Como representante da lua em contraposição a seu irmão Phebo (que era o deus do sol), Diana ou Phebe representava-se geralmente meia-involta n'um largo veu azulado e semi-transparente, recamado de estrellas; no penteado, sobranceiro á fronte, em guisa de diadema, scintillava-lhe um crescente de lua. E, assim como Apollo guiava durante o dia o carro do sol té esconder-se no horizonte, Diana era quem, no phantasiar do paganismo, dirigia em seu percurso o formoso astro das noites.

Mercurio

Mercurio foi o fructo dos amores entre Jupiter e a nympha Maia. Venerado pelo paganismo como deus da eloquencia, deus do commercio e — por uma incongruente accumulação de attributos — deus tambem dos ladrões, Mercurio exercia as funcções de mensageiro dos deuses e era particularmente o incarregado ds transmittir as ordens de seu pae, o qual por isso lhe puzéra azas nos calcanhares e na cabeça para com mais promptidão executar seus mandados.

Incumbia-lhe egualmente o incargo de transportar para a mansão infernal as almas dos mortos, assim como lhe assistia o poder de as revocar de lá á região da luz e á vida.

Por sua dextreza de mãos é que mereceu do paganismo ser

venerado como o patrono dos ladrões. Luciano nos seus *Dialogos* diz que Mercurio se gabava de por sua experteza haver sabido furtar a Neptuno o tridente, a Marte a espada, a Apollo as flechas, e inclusivamente a Venus o celebre césto ou cinto das graças. Sobretudo o que mais principiou a tornar notavel sua extraordinaria sagacidade n'este campo foi o roubo que fez, quando verdes annos ainda contava, das manadas que Apollo andava pastoreando, pertencentes ao rei Admeto. Houve, porêm, quem presenciasse o furto; e foi um famoso pastor por nome Batto. Quiz Mercurio tapar-lhe a bocca, e para o conseguir procurou comprál-o offerecendo-lhe a mais formosa rez das que furtára. Batto, incantado perante a grande valia da mimosa offerta, prometteu guardar o mais completo segredo. Mercurio é que se não fiou nas promessas do pastor, e para averiguar ao certo, se a palavra de Batto merecia ou não confiança, simulou retirar-se; volvendo, porêm, d'ahi a pouco, já com a figura mudada e a voz disfarçada, apresentou-se ante o pastor a inculcar-se como dono do gado roubado, e a offerecer-lhe em premio uma vacca e um boi se descobrir-lhe quizesse onde pairava o roubo. Nada mais foi preciso; Batto cedendo á tentação do premio que o disfarçado lhe offerecia, e esquecido já da promessa que fizéra de guardar segredo, não hesitou em revelar tudo quanto sabia. Mercurio então, por castigo d'aquella má fé, metamorphoseou o pastor em pedra de toque.

Mercurio foi um dos que conseguiram captar as boas graças de Venus e ser por ella correspondidos em seus amores.

De Venus, pois, houve Mercurio um filho, por nome Hermaphrodito, o qual, apaixonando-se extremosamente pela nympha Salmacis, implorou dos deuses como suprema graça que os corpos de ambos se fundissem e identificassem n'um corpo unico, desejo a que os deuses accederam, conglobando effectivamente n'uma entidade unica os corpos dos dois extremosos amantes, e á resultante creatura se ficou chamando Androgyno (vocabulo grego que significa *homem e mulher*).

Mercurio passa por ser o inventor da lyra, e contam que a fabricára de uma concha de tartaruga em cujos bordos esticou longitudinalmente nove cordas em honra das nove Musas. Serviu-lhe depois este primoroso invento para com elle mimosear Apollo, o deus da poesia, offerecendo-lh'o por dadiva.

Em troca de tão especial offerta, Apollo obsequiou Mercurio dando-lhe por presente uma vara. Com essa vara intentou Mercurio uma vez separar duas serpentes que no campo incontrára assanhadissimas uma contra a outra, e para conse-

guir seu fim lançou-lhes a vara de permeio entre ambas;—as serpentes, porêm, longe de fugir cada uma para seu lado como suppunha Mercurio, inroscaram-se mutuamente na vara e alli ficaram permanecendo sempre unidas. Ao conjuncto da vara com as duas serpentes inroscadas deu-se o nome de caduceu,—insignia que passou d'ahi por deante a constituir um symbolo de paz, e que os mythologos figuram sempre na dextra de Mercurio ao representarem-n'o adolescente imberbe e formoso, com azas nos pés e na cabeça.

Vesta

Irman de Juno e de Ceres, Vesta foi filha de Saturno e de Cybele. Era venerada como deusa do fogo.

O seu culto, introduzido no Lacio por Eneas, veio a tornar-se entre os Romanos generalizadissimo.

Numa Pompilio, o segundo rei de Roma, edificou em honra de Vesta um templo, onde se arrecadou o celebre Palladio,—o qual consistia n'uma estatueta de Minerva, que a tradição inculcava como tendo baixado de ceu, e que Enéas havia conseguido salvar d'entre os destroços do incendio de Troia, levando-o comsigo para a Italia. No templo de Vesta, conservava-se constantemente accêso o fogo sagrado;—e, quando elle por qualquer motivo chegava a apagar-se, tomava-se isto como infausto prenuncio de grande calamidade. No dia primeiro de março era costume todos os annos renovar o fogo do templo com solemnidades extraordinarias. A celebração dos mysterios de Vesta e o cuidado de velar por que no templo se não apagasse nunca o fogo sagrado pertenciam exclusivamente ás virgens,—porque Vesta não era só venerada como deusa do fogo, mas como deusa tambem da virgindade. Vestaes se chamavam as virgens a quem estava confiado o culto da deusa. E quando acontecia deixarem descuidadamente apagar o fogo sagrado, por cuja conservação lhes cumpria velar,—ou se violavam o voto de virgindade a que solemnemente se haviam obrigado... ai! das pobres sacerdotizas! cahia sobre ellas o rigor da lei com toda a sua implacavel colera: as desditosas eram condemnadas a serem interradas vivas. Nos primeiros tempos incumbia aos reis a missão de nomear as donzellas para as delicadas funcções de sacerdotizas de Vesta. Mais tarde, porêm, ficaram os pontifices incarregados de fazer essa escolha e nomeação. Entre seis e dez annos de edade intravam as donzellas para o noviciado,

e n'esse noviciado se conservavam até á edade de trinta. Só então é que lhes era licito professar e intrar definitivamente para o sacerdocio, obrigando-se aos terrivcis votos que por essa occasião lhes impunham. Se, porêm, durante o noviciado sentiam faltar-lhes a vocação para o cstado sacerdotal, ficava-lhes absolutamente a seu arbitrio sahirem do templo e regressarem á casa paterna, sem voto de qualidade alguma que as prendesse.

Representam Vesta sob a figura de uma deusa modestamente involta n'uma tunica virginal; cinge-lhe a fronte uma grinalda de rosas brancas; cáe-lhe sobre os hombros um veu; e da taça, que n'uma das mãos segura, deita incenso para a tripode onde arde o fogo sagrado.

Ceres e Baccho

Ceres e Baccho eram propriamente as divindades padroeiras da agricultura. Ceres protegia cspecialmente as searas; Baccho era o deus da vinicultura.

Ceres, filha de Saturno c de Cybcle, teve de seu irmão Jupiter uma filha, por nome Proserpina, a quem Plutão secretamente raptou quando uma vez andára divagando pelos campos da Sicilia. Ceres afflictissima, apenas deu pela ausencia da filha, correu de terra em terra á procura d'ella, sem descançar um momento; n'estas longas peregrinações Baccho se prestou obsequiosamente a acompanhál-a. Imbrenhando-se nas florestas, galgando montanhas, atravessando rios, Ceres nem mesmo de noite suspende suas diligentes investigações; para alumiar-se durante as trevas nocturnas, todas as noites accende dois archotes, e assim prosegue incansavel. Chegando ás margens do lago de Syracusa, depara-se-lhe alli o veu de Proserpina, deduz d'ahi que a filha passára por aquelles sitios, e logo a pouca distancia incontra a nympha Arethusa, que lhe dá cabaes informações de quem havia sido o raptador. Ceres então, subindo a um carro puxado por dois dragões, remonta-se immediatamente ao Olympo, e apresentando-se ante Jupiter lavada em lagrimas lhe pede justiça contra a violencia de Plutão. Tratou Jupiter de serenar-lhe a colera ponderando lhe quanto ella devia julgar honrosa a alliança conjugal entre Proserpina e o monarcha dos Infernos; mas argumento nenhum dos que Jupiter lhe apresentou n'esse sentido poude suavizar-lhe a magoa ou dissuadil-a do intento de rehaver a filha, e continuou a instar para que esta lhe fosse

restituida. Disse-lhe Jupiter então que, visto Ceres insistir pela restituição da filha, permittido lhe seria revocál-a da mansão infernal, se Proserpina depois de alli haver dado intrada não tivesse tomado ainda a minima refeição. Meia tranquillizada com esta decisão (aliás irrevogavel, porque era um decreto do Destino) partiu immediatamente na direcção dos Infernos; soube, porêm, no caminho, por intervenção de Ascalapho, que Proserpina havia colhido nos jardins de Plutão uma roman e d'esta comido sete bagos Ceres, não podendo resistir á pungentissima angustia que esta noticia lhe causou, desafogou a sua colera em Ascalapho metamorphoseando-o em mocho. Jupiter, porêm, conseguiu remediar d certo modo o inexoravel decreto e consolar um pouco a desditosa Ceres, ordenando que de cada anno passasse Proserpina metade em companhia do marido e na outra metade fosse como visita viver em companhia da mãe.

«Entre o tartareo irmão e a irman chorosa
Jupiter por egual reparte o anno;
Em mundos dois Proserpina deidade,
Seis mezes vem á luz, vae seis ás trevas;
Tanto tempo é da mãe, como é do esposo.
De animo e rosto, de repente, muda:
Lá, té mesmo a Plutão parece triste;
Douram-lhe a face jubilos, mal sobe;
Qual sol que um'hora desparece em nuvens,
Outr'ora as rasga e triumphal resplende.»

OVIDIO — *Metamorphoses*, v
(Traducção de Castilho)

Ceres presidia ás ceifas e ás lavras. Foi ella quem ensinou os homens a preparar as terras para os lavores agricolas e a augmentar a fertilidade dos terrenos pelo conveniente emprego de processos industriaes; foi portanto benefica a sua missão entre os povos, para cuja civilização se póde dizer que egualmente contribuiu por diversos modos:

«Quem primeiro estreou na terra virgem
O arado creador, primeiro aos povos
Deu macio sustento em aureas messes,
E em meditadas leis costumes, patria,
Ceres foi; tudo é dadiva de Ceres.»

OVIDIO — *Metamorphoses*, v
(Traducção de Castilho)

Erigiu-lhe o paganismo numerosos templos; de todos, porêm, o mais notavel foi o templo em que os habitantes de Eleusis lhe prestavam culto. *Eleusinas* se chamavam as festas solemnes de Ceres,—festas em cujo recinto não eram admittidos homens, mas só mulheres, e cujos augustos mysterios ninguem podia sob pena de morte perturbar ou interromper. Alêm das festas *Eleusinas,* que duravam cinco dias, havia tambem as *Thesmophorias* destinadas especialmente á commemoração das sabias leis, com que Ceres mimoscára a humanidade.

Representavam-n'a sob a figura de mulher possante e em toda a exuberancia da vitalidade, com o seio farto e semi-nu, coroada de flores e espigas de trigo, impunhando na dextra uma foice, na esquerda um mólho de espigas entremeado com papoilas. Em seus altares offerecia-lhe o paganismo as primicias das ceifas e dos fructos; nos sacrificios immolava-lhe porcos, por serem estes animaes mui damninhos ás sementeiras.

Protector, como Ceres, dos trabalhos agricolas, Baccho era o padroeiro especial da vinicultura.

Filho de Jupiter e de Semele, Baccho veio á luz em meio dos mais miraculosos phenomenos. Semele, a quem Jupiter havia seduzido, era filha de Cadmo (rei de Thebas). Quando esta princeza laborava já nos incargos da maternidade, Juno, sempre ciumenta e vingativa, suscitou-lhe no espirito certas duvidas, perante as quaes introu Semele a desconfiar se o pae do nascituro não seria por acaso um impostor qualquer, que, para mais facilmente a illudir, se lhe inculcasse como soberano Jupiter; para se desinganar, aconselhou-a Juno a pedir ao seu seductor que se lhe mostrasse em toda a majestade e gloria de supremo deus. A incauta Semele assim o fez, exigindo previamente de Jupiter, sob promessa jurada pelo Stygе, a certeza de que lhe não seria recusada a graça que pedisse. Quando Jupiter, depois de jurar, soube o que Semele exigia, tratou de dissuadir d'aquelle intento a desditosa princeza; mais esta insistiu, cuidando que o amante se recusava por ser effectivamente algum mortal impostor, como Juno lhe insinuára, e não o omnipotente rei dos deuses. Afinal Jupiter, não podendo esquivar-se ao juramento, acabou por se transfigurar ante a princeza, surgindo-lhe armado com os tremendos raios em toda a esplendorosa majestade do seu olympico poderio. Immediatamente se ateou o fogo no palacio, e a desgraçada Semele ficou reduzida a cinzas. N'aquella irremediavel conjunctura, o mais que Jupiter poude fazer foi salvar o nascituro, recolhendo-o das intranhas maternas, e arreca-

dando-o na barriga da perna, onde o foi guardando té que se perfizeram os nove mezes da gestação. Foi, pois, de uma perna de Jupiter que Baccho definitivamente veio á luz.

Baccho depois de creado e desinvolvido ajudou energicamente seu pae na guerra contra os Titans. Mais tarde, acompanhado pelo satyro Sileno, que havia sido seu aio, e que montado n'um burro o seguia para toda a parte, realizou, auxiliado por grande numero de homens e mulheres que apoz elle marchavam ao som de cymbalos e tambores, a conquista da India. Depois insinuou aos povos varias praticas agricolas, especialmente as que dizem respeito á vinicultura; foi elle o primeiro que plantou vinhas; por isso o ficaram os pagãos venerando como deus do vinho.

Em suas peregrinações travou conhecimento com o rei Midas (de quem já falámos quando nos occupámos de Apollo). Midas agasalhou com extremada hospitalidade Baccho e o seu companheiro Sileno, facultando-lhes a flux quanto vinho quizeram; o velho Sileno, penhoradissimo ante esta fineza, que para elle era especialmente grata, recommendou Midas á protecção do seu divino pupillo; Baccho, por satisfazer o aio, comprometteu-se a outorgar a Midas o que este lhe pedisse. Pediu-lhe Midas o condão de converter em ouro tudo aquillo em que pegasse, julgando que d'est'arte ficaria o mais feliz dos mortaes; Baccho assim lh'o concedeu. E ahi temos logo o soffrego Midas, sem perder tempo, a converter em ouro quanto se lhe deparava! Breve tinha de vir-lhe o arrependimento: quando chega a hora da refeição, vai para comer... e os alimentos convertem-se-lhe de subito em ouro! quer beber, e... não póde matar a sêde, porque os liquidos se lhe transformam em ouro tambem! N'esta afflictiva conjunctura o que lhe resta é ir ter com Baccho a pedir-lhe novamente uma graça especial: a de livrál-o d'aquelle fatal condão. Baccho surrindo-se disse-lhe então que fosse lavar as mãos no rio Pactolo; d'esta fórma perdeu Midas o funestissimo privilegio que aliás tão apreciavel se lhe affigurára,—e o Pactolo ficou sendo, d'ahi em deante, afamado por suas areias de ouro.

Baccho foi um dos apaixonados de Venus; d'esta deusa houve elle um filho (o Hymeneu) e tres filhas (as tres Graças). Aglae, Thalia e Euphrosina, se chamavam estas tres filhas, e acompanhavam a deusa da formosura; privilegiadas com o especial condão de uma eterna juventude, exhalavam em-torno de si a amenidade e a alegria; representavam-n'as geralmente entrelaçadas e sem ornato algum alêm dos seus naturaes attractivos; o paganismo erguia-lhes altares nos

templos das outras divindades, especialmente nos de Cupido e de Venus. Emquanto ao Hymeneu, esse, era o deus que invocavam nas ceremonias nupciaes;—geralmente o pintavam com as feições de um adolescente loiro e mui gentil, coroado de rosas, impunhando um facho ardente.

O episodio erotico, porêm, mais notavel que succedeu com Baccho, foram os seus amores com Ariadne. Era esta princeza filha de Minos rei de Creta, e tanto se apaixonára pela belleza de Theseu, que fugiu com elle da casa paterna. Theseu, porêm, abandonou-a na ilha de Naxos. Ahi a foi incontrar magoada e lacrymosa o deus do vinho. Interneceu-se Baccho perante os infortunios de Ariadne; d'ella se enamorou e lhe prote-tou eterno affecto; mas afinal tambem acabou por se infastiar d'ella e abandonál-a como fizera Theseu.

Representa-se Baccho sob a figura de um mancebo formoso e risonho, coroado de parras, e impunhando um thyrso em guisa de sceptro; outras vezes figuram-n'o escarranchado n'um tonel, impunhando na dextra uma taça com vinho, e segurando na esquerda um ramo de videira com cachos de uvas; tambem o pintam n'um carro puxado por tigres, lynces ou onças; atraz d'elle marcha ás vezes o velho Sileno, todo vestido de parras, meio ebrio, e montado n'um jumento, impunhando um pichel de vinho, que frequentemente leva aos beiços.

Na Grecia o culto de Baccho era generalizadissimo; celebravam-se em honra d'este deus festas estrondosas, a que chamavam *Bacchanaes*,—verdadeiras orgias em que semi-nus, coroados de hera ou de parras, e com os cabellos soltos, corriam pelas ruas homens e mulheres intoando em altos berros os louvores do deus. Bacchantes se chamavam os que assim concorriam para dar esplendor a similhantes festas, como Bacchantes se haviam chamado os individuos (mormente do sexo feminino) que acompanharam Baccho em sua expedição á India. Aos sacerdotes d'este deus davam o nome de Tityros.

Nos sacrificios em honra de Baccho era costume sacrificar-se uma pêga, por allu-ão á virtude que tem o vinho de tornar palrador quem o bebe, ou um bode pela tendencia que este animal tem para destruir os rebentos dos vinhedos. D'entre as plantas eram-lhe consagradas a videira e a hera.

Pan e as divindades campestres

Depois de Ceres e de Baccho, depois da deusa das ceifas e do deus da vinicultura, vem a pêlo, como natural sequencia,

tratar das divindades silvestres e ruraes, categoricamente classificadas como subalternas.

D'entre as divindades campestres Pan constitue no paganismo greco-romano a entidade mais notavel. Filho de Jupiter e da nympha Calisto, Pan era o deus dos campos e dos rebanhos Representavam-n'o os mythologos sob a figura de um camponez adulto, feições toscas e consoantes ás brenhas em que vivia, rosto afogueado, fronte superiormente terminada por dois prolongamentos corneos em guisa de chifres rudimentares, o corpo coberto de pêlos, e os membros inferiores exactamente similhantes aos de um bode.

Apaixonando-se pela nympha Syrinx, Pan teve o desgosto de não ver correspondidos os seus galanteios. Syrinx, filha de Ladon (rio da Arcadia) era uma das nymphas pertencentes á comitiva de Diana, e, como tal, obrigada a manter o mais irreprehensivel recato. Uma vez que a virginal Syrinx se encontrou nos campos com o enamorado Pan, tanto por elle se viu perseguida com insistencias, que não teve a nympha outro recurso para esquivar-se-lhe senão fugir. Deitou, pois, a correr e fugiu. Mas correu egualmente apoz ella o seu perseguidor, e em breve a fugitiva sería apanhada por quem decerto se não cançaria n'aquella carreira. Ia Syrinx atravessando já os cannaviaes que orlavam as margens do rio Ladon, em cujo seio pretendia acolher-se refugiada por escapar á teimosia de seu requestador, quando Pan correndo cada vez mais veloz logrou deitar-lhe as mãos ao fato. Syrinx, vendo-se perdida, bradou pelo pae implorando-lhe soccorro. Acudiu-lhe este de prompto metamorphoseando subitamente a filha em verde canniço. Tristemente malogrado em sua paixão, Pan via-se agora reduzido a suspirar debalde; e em seus loucos devaneios de amante infeliz, quando lhe chegava aos ouvidos o susurro dos cannaviaes agitados pelo vento, afigurava-se-lhe phantasiosamente serem os gemidos da metamorphoseada Syrinx; como desafogo, pois, ás suas magoas, e em tributo de saudade por aquella que tanto amára mas que não chegára a estreitar em seus braços, cortou um pedaço do canniço em que lhe desapparecêra transformada a gentil nympha, abriu-lhe varios orificios, e, convertendo-o assim n'um instrumento musical, d'elle tirou, soprando-lhe, sons harmoniosos. Tal se diz mythologicamente haver sido a origem da flauta pastoril.

Outra, das namoradas que a mythologia attribue a Pan, foi a celebrada Echo, por quem julgam alguns que o deus silvestre teve o prazer de vêr acolhidos seus galanteios. Varios mythologos, porêm, tal não referem, e antes dizem que a formo-

sa Echo se achava impossibilitada de attender ao cortejo de Pan, dominada como estava pela violentissima paixão que sentia por Narciso.

Echo era effectivamente uma gentil nympha, que tivera a desdita de loucamente se apaixonar por Narciso — um mancebo formosissimo que, inspirando amor a quantas o viam, tinha o fatal condão de ser insensivel para com as que o requestavam. Echo, vendo-se desdenhada por Narciso, não soube resistir ao insoffrivel tormento de similhante repulsa; no auge da consternação foi occultar seus pungentissimos desgostos na solidão das florestas, e lá feneceu de magoa; lá a metamorphosearam em rochedo, depois de morta, os deuses compadecidos ante a lastimosa sorte da desventurada. Narciso, por seu lado, tambem não foi mais feliz. Desdenhoso para com todas as nymphas, teve o gentil adolescente o infortunio de vêr uma vez a sua imagem reflectida n'agua quando sobre uma fonte se debruçára para beber. Tão formoso era, que de si proprio se enamorou. E na impossibilidade de incontrar uma nympha que em gentileza se lhe assimilhasse, o desconsolado Narciso acabou tambem por morrer de desgosto, ralado e consumido pelos fogos de uma phantastica paixão, que elle não podia satisfazer. Metamorphosearam-n'o afinal os deuses na flor que ainda hoje conserva o seu proprio nome.

Deu esta fabula origem a um lindissimo poema escripto em verdes annos pelo fallecido visconde de Castilho. Constituem as *Cartas de Echo e Narciso* (tal é o titulo) uma das mais risonhas, das mais graciosas, das mais promettedoras primicias com que o illustre poeta inaugurou sua brilhante carreira litteraria. Quem nos versos prezar pureza de linguagem, estylo ameno e viçoso, harmonia suavissima de metrificação, tudo alli a flux incontrará, em tudo alli achará muito que admirar e que apprender.

Entre as requestadas de Pan citaremos por ultimo a nympha Pitthys; d'esta se diz que fôra sensivel aos galanteios de Pan,—mas que Boreas (um dos Ventos) apaixonando-se tambem por ella e indignando-se por ver a preferencia concedida a seu rival, se vingára da nympha raptando-a violentamente, n'um rodomoinho, em que a desventurada Pitthys veio a morrer feita pedaços ao esbarrar de incontro a um rochedo. Metamorphoseram-n'a os deuses em pinheiro, e o saudoso Pan ficou d'ahi por deante costumando, em commemoração, coroar-se com ramos verdes d'aquella arvore.

Em honra de Pan celebravam os Romanos as *Lupercaes*, — festas em que os sacerdotes do deus percorriam as ruas da

cidade involtos em pelles de bodes e cabras, que previamente haviam immolado, e armados de lategos com que fustigavam toda a gente que em seu transito incontrassem.

Alêm dos bodes e cabras que lhes immolava, o paganismo depositava tambem nos altares de Pan offertas de leite e mel.

Depois de Pan, a divindade campestre mais afamada era Pales, a deusa dos pastos, dos pastores e dos rebanhos. Representavam-n'a sob a figura de uma camponeza robusta segurando na mão um mólho de feno, coroada de rosmaninho e de folhas de louro. Nas *Palilias*,—festas que os Romanos lhe celebravam em abril,—offereciam-lhe em sacrificio bolos de milho, vinho e leite; durante as festas vinham os rebanhos dar volta em torno do altar da deusa, para que esta os protegesse dispensando-lhes qualidades prolificas.

Outra divindade, que cumpre não olvidar no grupo das silvestres, é Fauno; fôra este originariamente um principe do Lacio, que em seus estados introduziu grandes melhoramentos com respeito á praticas da lavoira. Pelos beneficios, que tanto elle como sua esposa Fauna prestaram aos povos do Lacio, foram-lhe prestadas as honras da deificação. Os templos que o paganismo lhe erigiu vieram a ser afamados por seus oraculos. Fauno era representado, á similhança de Pan, com chifres rudimentares e pés de cabra.

Silvano, filho de Fauno, foi tambem venerado como deus das florestas. De Fauno fez a mythologia derivar toda a numerosa cohorte dos Faunos, dos Silvanos e dos Satyros,—divindades por quem o paganismo phantasiava povoados os bosques e os campos. Todos elles eram considerados como deuses tutelares das florestas e das localidades ruraes. Representavam-n'os com figura humana, de baixa estatura, corpo coberto de pêlos, pés de cabra, e appendices corneos na cabeça.

D'entre este triplice grupo eram especialmente os Satyros que formavam o sequito de Pan e de Baccho. Distinguiam-se pelo tom risonho e faceto de sua gesticulação, e constituiam nos bosques o terror das nymphas pelas tendencias lubricas que os caracterizavam. De todos o mais afamado, celebre sobretudo pelo seu constante estado de semi-embriaguez, era o satyro Sileno, de quem já falámos a proposito de Baccho.

A par dos Satyros vem naturalmente na tela do assumpto tratarmos das Nymphas. Havia as maritimas e as terrestres; havia as do oceano, as dos rios, e as dos lagos, e as das fontes; havia as dos montes, as dos prados, as dos bosques.

Quando tratámos das divindades maritimas, falámos nas Oceanides e nas Nereides; eram essas as nymphas do alto mar.

Naiades diziam-se as nymphas dos rios e das fontes.

D'entre as nymphas terrestres distinguiam-se: — as Napéas (que presidiam aos prados e aos vergeis); as Oréades (que protegiam as collinas onde habitavam); as Dryades e Hamadryades (que eram as nymphas tutelares dos bosques e das arvores). Phantasiava o paganismo que o destino d'estas entidades estava intimamente ligado e identificado com o dos objectos a que presidiam. Assim por exemplo tal nympha, tutelar de tal arvore, perecia infallivelmente com esta, subsistindo com vida em quanto a arvore viva fosse. Tornava-se, portanto, a nympha propicia a quem mantivesse illeso e protegesse o sobredito vegetal — e, pelo contrario, adversa a quem lhe cortasse ramos ou o damnificasse.

Se dos campos e das florestas passamos propriamente aos jardins, lá incontraremos ainda no paganismo a hortieultura patrocinada por diversas divindades.

Uma d'estas é Flora a deusa das flores e da primavera. Representavam-n'a sob a figura de mulher moça e gentil, modesta mas risonha, sem outro infeite mais do que uma simples grinalda de rosas. Attribuiam-lhe por esposo o gentil Zephyro, — vento fagueiro e suave, que longe de esfolhar as flores, concorria para as refrescar da ardencia do sol. Em honra de Flora celebravam-se em Roma desde a mais alta antiguidade os *Jogos Floraes*, — festas em cuja celebração tomavam parte as mulheres passando noite e dia em danças e folgares ao som de trombetas, ou disputando entre si primazias na carreira com a mira no premio destinado á que melhor corresse, premio que consistia n'um ramalhete de flores raras.

Apar de Flora figuram mythologicamente Vertumno e Pomona. Vertumno era o deus do outono, o protcetor dos vergeis; representavam-n'o sob as feições de um formoso mancebo coroado de espigas de trigo e cachos de uvas, impunhando uma cornucopia, d'onde surgem á farta fruetas maduras. Teve por esposa uma incantadora nympha, que ficou deificada no paganismo como protectora da fructa. Pomona se chamava esta nympha, que a principio se mostrára por extremo adversa ao casamento; mas Vertumno teve artes de a convencer disfarçando-se em velha, e amedrontando-a (sob este disfarce) com o desdobrar-lhe a pavorosa narrativa dos infortunios por que tinham passado varias donzellas que teimaram em ficar solteiras. D'est'arte Pomona reconsiderou e acabou por acceitar a mão de esposo que Vertumno lhe offerecia. Representam-n'a os mythologos sob a figura de uma risonha nympha coroada de flores e fructas.

Terminaremos a secção das divindades campestres, falando de Priapo e do deus Termo.

Priapo era o protector dos jardins. Diziam-n'o filho de Venus; discordavam, porêm, os mythologos ácerca de quem devia reputar-se o pae d'este deus, querendo uns que fosse Bacchо, outros Mercurio, e alguns o gentil Adonis. Naseeu Priapo grutescamente disforme; tinha o corpo cabelludo e na fronte dois appendices corneos como os Satyros. Em Lampsaco e em Roma erigiu-lhe o paganismo sumptuosos altares, onde lhe depositavam, como offertas, grinaldas de espigas e de flores. D'entre os animaes era-lhe consagrado o jumento.

O deus Termo presidia aos limites dos campos e fazendas. Representavam-n'o geralmente por um marco de pedra, a que superiormente davam a configuração de uma cabeça humana. Era, portanto, privado de braços e pernas para mais eabalmente symbolizar a sua completa estabilidade.

Mensageiros celestes e servidores do Olympo

Quando falámos de Mercurio, dissémos ser elle o mensageiro de Jupiter; d'esse, pois, não tornaremos agara a tratar.

Por similhança com Jupiter, Juno tinha egualmente sua mensageira, a cujo cuidado estava confiado o ineargo especial de cortar com uma thesoura o fio da vida das mulheres e o de conduzir-lhes as almas á mansão das sombras. Fóra d'isso pertencia-lhe desimpenhar todas as ordens de Juno. Iris se chamava esta zelosa mensageira celeste, a cujos bons serviços pagou a rainha das deusas sua gratidão metamorphoseando-a graciosamente em arco-iris. Representam-n'a sob a figura de uma donzella semi-involta em brumas, tendo nas azas as eôres luminosas e cambiantes do arco-da-velha.

De Apollo já tambem dissémos ter a seu serviço a Aurora e as Horas, estas para jungir-lhe os cavallos ao carro do Sol, aquella para o preceder como risonha mensageira e abrir-lhe de manhan as portas do Oriente.

A Aurora, cuja filiação indicámos quando tratámos de Apollo, casou com Tithon (filho de Laomedonte), e de seu consorcio houve um filho chamado Memnon. Toda ternuras para com seu marido, tão apaixonadamente o amou, que sollicitou dos deuses para elle o dom da eternidade; esqueeêra-lhe, porêm, quando tal pediu, pedir tambem a isenção dos achaques e molestias que ordinariamente acompanham a decrepitude. D'est'arte Tithon ia avançando em annos, sem po-

der morrer, mas com a existencia cruelmente amargurada pelos contras da velhice. N'esta desconsolada conjunctura recorreu Tithon a Jupiter pedindo-lhe que o deixasse morrer; não podia, porêm, o deus supremo revogar já o dom da eternidade, que lhe fôra concedido; o que fez foi, por compaixão para com o seu lastimoso viver, metamorphoseál-o em cigarra.

Quem primeiro no banquete dos deuses teve por incargo servil-os á mesa foi Hebe, a deusa da juventude, filha de Jupiter e de Juno. Deitava-lhes o nectar nos copos e servia-lhes a ambrosia como refeição. (Nectar se chamava o licor celeste, exclusivamente reservado para os deuses; ambrosia era uma iguaria tambem privativa dos que tomavam assento no banquete divino). Hebe, porêm, passou uma vez pelo involuntario desaire de cahir no meio da sala, quando exercia o mestér de andar servindo á mesa, e tão indecorosa foi a posição em que ficou ao dar a quéda, tanta vergonha sentiu ao reparar no risinho ironico e malicioso com que alguns deuses a acolheram, que nunca mais se prestou a continuar no seu antigo mestér. Mais tarde, veio a ella a casar com Hercules.

Quando Hebe deixou o cargo de servir á mesa dos deuses, Jupiter escolheu para substituil-a um troiano, chamado Ganymedes, a quem mandou raptar por uma aguia. Ganymedes ficou sendo o copeiro do Olympo, e simultaneamente servidor especial de Jupiter. Representam-n'o sob a figura de um gentil adolescente sentado no dorso de uma aguia.

Divindades allegoricas

De diversas divindades allegoricas havemos feito já menção no decurso d'este livrinho. Divindades allegoricas são o Chaos e o Destino; allegoricas são a Morte e a Noite, o Somno e os Sonhos; allegoricas são a Fama e a Victoria, bem como varias outras de que já tratámos. Cumpre-nos, para terminar o quadro, mencionar ainda algumas das principaes: taes são Themis, Pluto, Momo, Como, a Inveja, a Discordia, a Fortuna e a Verdade.

Themis, a deusa da Justiça, era filha do Ceu e da Terra; dizem-n'a mãe da Lei, da Paz e de Astréa (deusa da equidade). Representam-n'a vendada, com uma espada na dextra e segurando na esquerda uma balança.

Pluto era o deus das riquezas. Diziam-n'o filho de Ceres. Representavam-n'o sob a figura de um velho cego, coxo e coroado, segurando nas mãos uma cornucopia, d'onde intorna a esmo, sem saber por onde, moedas de ouro e prata.

A' sua ilharga figura a Fortuna, filha de Jupiter, deusa que opéra ás cegas por trazer vendados os olhos. Pintam-n'a com azas nos pés e os pés sobre uma roda que gira rapidamente, para symbolizar a agilidade e dextreza de que ha mistér quem queira lançar-lhe a mão e apanhar os punhados de ouro que ella distribue á toa.

Momo era filho do Somno e da Noite; symbolizava o deus do perpetuo escarnco; de tudo se ria e zombava. Represen-tam-n'o em trajes truanescos, infeitado com guisos, e mostran-do na expressão physionomica as suas tendencias chocarreiras.

Presidindo aos prazeres gastronomicos e aos festins tam-bem a mythologia phantasiou um deus; Como lhe puzeram por nome; representavam-n'o coroado de flores.

Emquanto á Verdade, essa figurava ás vezes apar da Jus-tiça ou da Lei. Diziam-n'a filha do Tempo. Representavam-n'a em completo estado de nudez, composta apenas pelos lon-gos e formosissimos cabellos que da cabeça se lhe debruçam quasi até aos pés; n'uma das mãos segurava um espelho, em que se reproduziam fielmente todos os actos da humanidade. Attribuiam-lhe por filha a Virtude.

A Inveja era filha da Noite. Representavam-n'a hedionda e livida, com os olhos incovados e esgaziados, a fronte inru-gada, as faces cavadas e macilentas; por toucado, uma gri-nalda de viboras; no regaço uma serpente monstruosa a roer-lhe o seio.

Finalmente a Discordia representava-se com feições analo-gas ás da Inveja: tambem medonha, esgaziada e livida; tam-bem coroada de viboras; os fatos desalinhados e semi-rasga-dos; n'uma das mãos um facho inflammado, na outra um pu-nhal. Foi a Discordia, como já dissémos quando tratámos de Venus, quem ateou a celebre disputa d'esta deusa com Juno e Minerva por causa do pomo aureo.

Os Centauros e as Gorgonas

No grupo dos monstros mythologicos, alguns dos quaes já tivémos occasião de descrever taes como as Harpias e as Se-reias, os Faunos e os Satyros, merecem particular menção os Centauros e as Gorgonas.

Os Centauros eram monstros, metade homens e metade ca-vallos; representavam-n'os em figura humana té á cintura, e corpo equino da cintura para baixo; dir-se-hiam bustos hu-manos enxertados na região cervical de cavallos, e substi-

tuindo-lhes a cabeça e o collo. Havia tambem Centauros-femeas; n'estes o rosto e o seio denunciavam accentuadamente a feição feminina. Os Centauros diziam-se provenientes d'aquelle amoroso amplexo em que o desvairado Ixion, abraçado a uma nuvem, julgou ter nos braços a esposa de Jupiter, confórme já dito ficou por occasião de apontarmos os grandes criminosos do Tartaro.

Ao centauro Chiron, porêm, attribuem os mythologos outra proveniencia. Dizem-n'o filho da formosa Phylira (uma das Oceanides), a quem Saturno seduziu assumindo a fórma de cavallo. Era o centauro Chiron dextrissimo em varias artes e manejos, mórmente no arremesso das settas, exercicio em que teve Achilles por discipulo, da mesma fórma que ensinou medicina a Esculapio e astronomia a Hercules. Inadvertidamente ferido por uma das impeçonhadas fléchas d'este heroe, Chiron sentiu-se atormentado por insupportaveis dores, e, não podendo aguentál-as, supplicou aos deuses se amerceassem d'elle privando-o da immortalidade para que seus males podessem ter fim. Attendeu-lhe Jupiter ás supplicas, e lhe deu logar no zodiaco, onde passou a figurar como signo sob o nome de Sagittario.

As Gorgonas eram tres irmans, medonhas e monstruosas, que apresentavam a particularidade phenomenal de não possuirem (entre todas tres) mais do que um olho unico,—e d'esse unico se serviam alternadamente, revezando-se. Chamavam-se Euryale, Stenio e Medusa; das tres a mais hedionda era a ultima, por vingança que n'ella havia exercido Minerva. Tinha Neptuno violado Medusa no templo da deusa; e, não podendo esta punir no proprio violador a injuria de tal profanação, desforrou-se na Gorgona, mudando-lhe em serpentes os cabellos, em garras os pés e as mãos, imprimindo-lhe finalmente no rosto o fatal condão de petrificar quantos para ella olhassem; ás outras duas Gorgonas tambem os mythologos attribuem analogas feições e predicados. Medusa veio a morrer degollada por Perseu.

Semi-deuses e heroes

Semi-deuses chamaram os poetas tanto aos heroes oriundos de um deus ou de uma deusa e de uma creatura mortal, como aos simples mortaes que sem provirem de origem divina mereciam todavia por suas heroicas façanhas ser admittidos (quando morriam) no numero das divindades. D'entre os mais notaveis avultam Jason e Theseu, Perseu e Hercules.

91-31907

Jason, filho de Eson (rei de Iolchos), distinguiu-se por ir á frente dos Argonautas conquistar o celebre vellocino de ouro, que estava guardado por um dragão temivel.

Theseu, filho de Egeu (rei de Athenas), tornou-se afamado por livrar os povos de calamidades taes como o facinora Scyron (que esperava nas estradas os viajantes para roubál-os e precipitál-os no mar), o tyranno Phalaris (que supplicava os prisioneiros, incerrando-os n'um artefacto de bronze em fórma de touro e accendendo-lhes lume por baixo), o cruel Procusto (que fazia deitar seus hospedes n'um catre de ferro afim de lhes cortar as pernas, se por maior estatura do corpo ellas sobejavam para fóra da cama, ou desconjunctar-lh'as puxando por ellas quando não chegassem á medida do leito), e finalmente o celebre Minotauro (monstro meio-homem e meio-touro que no labyrintho de Creta se sustentava de carne humana).

Perseu, filho de Jupiter e de Danae, immortalizou-se cortando a cabeça da terrivel Medusa, colhendo os pomos aureos do famoso jardim das Hesperides, e matando o monstro marinho que pretendia devorar a princeza Andromeda.

Hercules (filho de Jupiter e de Alcmene), chamado tambem Alcides, tem um logar especial entre todos os outros heroes e semi-deuses. Ainda no berço, afogou elle por suas mãos duas serpentes que Juno inviára para devorál-o. Calculem-se por aqui suas excepcionaes proezas depois de adulto. Os *doze trabalhos de Hercules,* que ficaram proverbialmente decantados, consistiram em:—suffocar o furibundo leão de Neméa; exterminar a hydra de Lerna (que tinha sete cabeças, as quaes renasciam á proporção que o heroe lh'as cortava); apanhar ás mãos a corça do monte Menalo (que tinha esgalhos de ouro e pés de bronze); agarrar vivo o terrivel javali do Erymantho; desinfectar os curraes do rei Augias, incaminhando por elles o leito do rio Alpheu; matar ás frechadas os passaros do lago Stymphalo (que, alêm de terem cabeça e bico de ferro, despediam dardos do mesmo metal); domar o touro de Creta (que deitava labaredas pelas ventas); castigar Diomedes (que nutria os seus cavallos com carne humana); pelejar contra as Amazonas, vencendo-as e aprisionando-lhes a rainha; dar cabo de varios facinoras, taes como Geryão, Anteu, Caco, etc.; auxiliar Perseu na colheita dos pomos aureos; descer vivo aos Infernos. Arrebatado afinal por Jupiter e collocado no Olympo entre os immortaes, casou com Hebe, a deusa da juventude.

FIM

Casa editora de DAVID CORAZZI, Lisboa, Rua da Atalaya, 40 a 52.

BIBLIOTHECA DO POVO

E DAS ESCOLAS

PROPAGANDA D'INSTRUCÇÃO

para Portuguezes e Brazileiros

Esta publicação, notavel pela sua fabulosa barateza, tem a dupla vantagem de propagar a instrucção geral e incitar ao estudo as classes populares.

Ninguem deixará, por tão diminuto preço, 50 RÉIS de quinze em quinze dias por cada volume, de alcançar gradualmente a instrucção, a sciencia, a explicação de tantas maravilhas da natureza e do genio artistico, a sabedoria em fim. O operario, o estudante, o chefe de familia ou o professor, não hesitarão em formar a sua **bibliotheca economica** com estes livrinhos que lhe explicam tudo quanto poderiam aprender em outros de preços elevadissimos relativamente aos haveres da maior parte das pessoas.

Temos fé que todos se apressarão a collecionar esta bibliotheca e que os directores dos lyceus e estabelecimentos de educação, tanto publicos como particulares, a recommendarão e adoptarão como elemento indispensavel n'um bem entendido systema de ensino.

VOLUMES PUBLICADOS

N.º 1 — Historia de Portugal

N.º 2 — Geographia geral

N.º 3 — Mythologia

VOLUMES A PUBLICAR:

Introducção ás sciencias physico-naturaes — Physica — Chimica — Geologia — Mineralogia — Botanica — Zoologia — Anthropologia — Cosmographia — Astronomia popular — Chronologia — Chorographia de Portugal — Chorographia do Brazil — As colonias portuguezas — Historia universal — Historia antiga — Historia da idade media — Historia moderna — Historia romana — Historia do Brazil — Historia sagrada — Historia ecclesiastica — Historia geral dos concilios — Historia das cruzadas — Historia da Inquisição — A conquista da India — O descobrimento do Brazil — Ephemerides notaveis da historia patria — Ephemerides notaveis da historia do Brazil — Arithmetica — Algebra — Geometria — Trigonometria — Mechanica — Escripturação e contabilidade commercial — Economia politica — Ortographia — Grammatica portugueza — Methodos de francez, inglez, etc. — Anatomia — Physiologia — Medicina domestica — Hygiene — Gymnastica — Natação — Equitação — Esgrima — Noções de musica — Manual do carpinteiro — do pedreiro, do ferreiro, etc.

Para assignar esta publicação ou comprar qualquer volume avulso, dirigir-se ao editor DAVID CORAZZI, Rua da Atalaya, 40 a 52, Lisboa.

Todas as requisições devem ser acompanhadas da sua importancia em estampilhas, vales ou ordens sobre Lisboa.